

Vanilde Alves Peres

As contribuições de Adorno para pensar a educação para a autonomia

**Universidade Católica de Goiás
Mestrado em educação
Goiânia – 2009**

Vanilde Alves Peres

As contribuições de Adorno para pensar a educação para a autonomia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de concentração: Educação e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura.
Orientação: Professor Dr. José Ternes e coorientação da Profa. Dra. Sílvia Rosa Silva Zanolla

Departamento de Educação
Mestrado em Educação
Goiânia – 2009

Banca Examinadora

.....
Prof. Dr. José Ternes
Universidade Católica de Goiás
(presidente)

.....
Profa. Dra. Glacy Queirós de Roure
Universidade Católica de Goiás

.....
Profa. Dra. Sílvia Rosa Silva Zanolla
Universidade Federal de Goiás

Data:/...../.....

A credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos: o fruto e a posteridade de tão gloriosa união pode-se facilmente imaginar. (ADORNO & HORKHEIMER)

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos que incentivaram e deram o apoio necessário para que eu pudesse alcançar o meu objetivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Divino pelo incentivo e por acreditar sempre na minha capacidade de concluir este trabalho, apesar de todas as intempéries.

Às minhas filhas Mirela e Liliane que nas horas de angústia estiveram ao meu lado apoiando e reavivando a minha confiança em poder prosseguir na árdua jornada.

A orientação do Prof. Dr. José Ternes, embora nosso convívio tenha sido curto, suas dicas foram valiosas.

À Prof^a Dr^a Glacy Queirós de Roure por ter aceitado participar da banca e colaborado para enriquecer o meu trabalho

À Prof^a Dr^a Sílvia Rosa Silva Zanolla por ter se empenhado em acompanhar o meu trabalho, mesmo tendo que me incluir em uma agenda tão apertada e dispormos de pouquíssimo tempo para a sua conclusão.

A professora Dra. Lenita pela revisão comentada e criteriosa.

À Liliane pelos comentários e dicas que me fizeram refletir com mais objetividade.

Aos colegas que caminharam comigo em mais essa etapa.

A Deus, o mestre dos mestres.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – TEORIA CRÍTICA, SOCIEDADE E CULTURA.....	18
1.1 - Reflexão sobre a Dialética do Esclarecimento e a sociedade.....	21
1.2 – Cultura e Pseudocultura.....	31
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE.....	37
2.1 – Educação e princípios básicos.....	43
2.2 – Educação e cultura.....	48
CAPÍTULO III – O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA.....	53
3.1 – Relação escola e sociedade.....	55
3.2 – A autoridade como complemento da educação para a autonomia.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	73

RESUMO

PERES, Vanilde Alves. As contribuições de Adorno para pensar a educação autônoma. 2009. 75f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Católica de Goiás – 2009.

A educação tem sido objeto de discussão sob o enfoque da Teoria Crítica e de seus estudiosos. Nesta pesquisa, limitou-se a concepção da educação como forma de autonomia do sujeito. O principal objetivo foi refletir sobre os conceitos adornianos e sua contribuição para pensar a educação como possibilidade para a emancipação do indivíduo. Para isso buscou-se levantar os aspectos históricos que culminaram com o movimento da Teoria Crítica e que são determinantes para melhor entendê-la no contexto político, social e cultural. Foram discutidos os conceitos de educação, emancipação, autonomia e barbárie e a importância da escola no contexto da Teoria Crítica. A opção pelo tema, Contribuições de Adorno para pensar a educação para a autonomia, deveu-se a discussões e leituras sobre o papel da educação e ao trabalho do teórico da Escola de Frankfurt que ansiava pela conquista da liberdade do pensamento através da emancipação, vinculada à educação e cultura social de forma ampla. A pesquisa foi de cunho essencialmente teórico ancorada na filosofia de Adorno e estudiosos da Teoria Crítica. As reflexões aqui registradas mostram a importância da educação além dos muros da escola, assim como a relevância das instituições escolares como elementos fundamentais na formação do indivíduo.

Palavras chave: Teoria crítica, educação e autonomia.

ABSTRACT

The education has been object of constant discussion under the approach of Critical Theory and studios of the subject. In this research, it was delimited the conception of the education as form of autonomy of the citizen. The main objective was to reflect on the adornings concepts and its contribution to think the education as possibility for the emancipation of the individual. For this one searched to raise the historical aspects that had culminated with the movement of the Critical Theory and that they are determinative for better understand it in the context of the Critical Theory. The option for the subject, Contributions of Adorno to think about education for the autonomy, had it discussions and readings on the role of the education and to the work of theoretician of the School of Frankfurt that yearned for the conquest of the freedom of the thought through the entailed emancipation to the education and social culture of ample form. The research was essentially theoretician anchored in the studios philosophy of Adorno and of the Critical Theory. The reflections registered here show the importance of the education beyond the walls of the school, as well as the relevance of the pertaining to school institutions as basic elements in the formation of the individual.

Key words: Critical theory, education and autonomy.

INTRODUÇÃO

O pensamento se realiza como pensamento, no instante em que se entrega sem medos e medidas à busca da verdade, compreendendo que a verdade é o que se encontra na relação entre sujeito e objeto. Tiburi

A educação tem sido objeto de discussão e preocupação de diversos estudiosos do assunto, uma vez que exerce influência direta sobre a sociedade e a cultura individual. Por ser um tema de suma relevância que abriga áreas distintas, a educação deve levar em consideração as mudanças operadas no âmbito social, a fim de adequar os conteúdos ao tipo de público ao qual se dirige.

Para Adorno (1995) a importância da educação está muito além da simples transmissão de conhecimentos. Pensando sob esse prisma, a atenção deve-se voltar para o preparo do cidadão para a convivência em sociedade e para a emancipação.

A emancipação diz respeito à condução para a liberdade intelectual, capacidade de convivência saudável e paulatinamente o desenvolvimento do cidadão para que tenha a ousadia de fazer suas escolhas com responsabilidade e justiça. Deste modo, a emancipação social pressupõe reflexão e coragem de enfrentar os conflitos e tensões que se apresentam nas relações e contradições vividas pela sociedade atual.

O homem é um ser inerentemente social, porém cada indivíduo compreende uma relação de subjetividade que muitas vezes se confronta com o complexo processo social. Considerando que indivíduo e sociedade são realidades distintas que se completam e se contrapõem observamos que essa relação constitui uma totalidade que abarca tensões e conflitos. É nas contraposições que o sujeito se desenvolve como indivíduo que faz parte da construção da sociedade ou simplesmente se abriga em sua subjetividade.

O homem é, em grande parte, produto do meio, mas, há ao mesmo tempo contrastes subjetivos que oportunizam caminhos diferentes para cada pessoa. A base para pensar a educação à luz da teoria crítica, em especial de Theodor Adorno (1903 – 1969) também faz parte das

contradições e aponta para o fato de que, ao mesmo tempo em que a educação é a responsável pelo processo de esclarecimento e autonomia do cidadão pode tornar-se elemento de repressão e dominação, especialmente se for considerada isoladamente como contribuição para a emancipação humana. Para não incorrer no risco de ser o sujeito da dominação e do controle, é importante ressaltar os aspectos culturais existentes e distintos em cada sociedade, ou se persistirá no erro de reproduzir ou impor modelos sociais que possibilitarão o cultivo da ignorância em detrimento da capacidade de reflexão e autocrítica.

Nessa perspectiva serão consideradas categorias que servirão para delinear o conceito de educação emancipatória em Adorno, uma vez que o texto se propõe a pensar a educação tomando por base esse viés teórico. Categorias como educação, emancipação, autonomia, esclarecimento, alienação e barbárie serão discutidas no texto com o intuito de despertar a reflexão sobre a educação contemporânea e a contribuição de Adorno para pensar essa educação.

É grande o desafio a ser enfrentado quando se fala de educação, pois são conhecidas as dificuldades técnicas e didáticas enfrentadas nas escolas, por professores e alunos. Por esse motivo, falar em educação emancipatória soa audacioso. No entanto, dentro do espírito da Teoria Crítica, não se pode deixar de lutar por essa realidade, mesmo que pareça algo alheio ao cotidiano da atual sociedade. O que se espera é que na medida em que o meio humano se transforma seja dada uma nova configuração à educação com a finalidade de preparar os cidadãos que comporão as gerações vindouras.

Assim, objetiva-se neste trabalho analisar textos de Adorno, e estudiosos da Teoria Crítica, com a finalidade de evidenciar suas contribuições para o desenvolvimento da educação atual, em especial a educação emancipatória, cujo fim deve ser respaldar o desenvolvimento do indivíduo para que se conscientize de sua responsabilidade como cidadão e conquiste a plena liberdade de ação.

Além das tensões e a constante pressão sofrida pelo indivíduo no atual contexto social, a preocupação se volta também para a dificuldade sentida no âmbito escolar, uma vez que a educação em termos de expansão cultural e da independência humana está aquém das expectativas e reais necessidades de atuar como coadjuvante na formação do sujeito livre e autônomo.

Os mecanismos da sociedade de consumo, agravados pelo individualismo que as

facilidades técnicas promovem, permitem e incentivam o isolamento. A disseminação da cultura do mais fácil e mais cômodo considera grande parte do que é produzido pelos meios de comunicação, o que não desperta curiosidade ou fomenta discussão. Em tudo que se produz e distribui, a maior preocupação é tornar o conteúdo mais palatável. Esse procedimento aniquila o senso crítico e faz com que o indivíduo se torne mais suscetível às imposições políticas e sociais dominantes.

Embora o homem atual necessite do convívio social e da aproximação com seu semelhante, nota-se com frequência a indiferença marcadamente presente nas relações humanas. Aparatos tecnológicos, em especial o rádio, a televisão e computadores são alternativas usadas para preencher esse vácuo, o que propicia cada vez mais o distanciamento do coletivo e se transforma em alimento contínuo da solidão.

Sendo a tecnologia tão forte que reafirma as convicções do indivíduo como ser completo, independente e com uma gama de opções de entretenimento à sua disposição, a educação não pode fugir ao seu papel de se fazer presente nessa mudança e na mediação das relações para que estas não fiquem restritas somente à impessoalidade da técnica.

Apesar dos grandes avanços e intensas transformações decorrentes da revolução tecnológica, o predomínio da solidão, incerteza e frieza humanas assusta e cria um enorme temor em relação ao futuro dessa sociedade.

Por frieza entende-se o distanciamento das pessoas e a naturalidade com que se encara a submissão do ser humano a uma vida indigna como a falta do mínimo necessário à sobrevivência. O fato de se deparar com problemas drásticos nos últimos tempos, os quais se referem à falta de moradia para grande parte da população e a escassez de alimentos necessários à subsistência para inúmeras famílias são aspectos com os quais se convive não só no Brasil, mas no mundo inteiro.

Outro aspecto relevante a ser lembrado é o grande número de crianças e adultos que não têm acesso ao ensino, quer formal ou informal. Esse fator contribuiria de forma incisiva para alicerçar o esclarecimento necessário ao indivíduo, tornando-o capaz de reger a sua própria vida e sensibilizando-o para lutar contra a barbárie, que nesse caso se refere à desigualdade existente entre as classes sociais assim como a falta do indispensável para prover as necessidades mais urgentes do homem - o alimento, a moradia e a instrução.

Adorno (1995d) amplia a visão de barbárie quando se manifesta contra as concepções

educacionais que, além de imporem os valores do sistema dominante, defendem os objetivos que se acham implícitos nos sistemas sociais. Embora sabedor de que isso ocorre em outros países, o autor tem uma preocupação maior com a situação alemã. Isso se deve ao fato de ali ter ocorrido “a mais horrível explosão de barbárie de todos os tempos” (ADORNO, 1995d, p.157), a execução de um milhão e meio de pessoas nos campos de concentração e extermínio durante a segunda guerra mundial. Adorno (1995f) insiste que é primordial em educação que Auschwitz não se repita.

A frieza e a barbárie, decorrentes do suposto progresso civilizatório, se refletem na educação, além de provocar uma mudança no quadro de valores da sociedade. Estar sujeito à dominação, ou ser capaz de conquistar a sua liberdade intelectual decorrerá do conhecimento adquirido pelo cidadão e sua atuação social. O conhecimento, aliado à posse de modernos aparatos tecnológicos, pode tanto trazer o desenvolvimento como transformar o homem em objeto da dominação, fazendo-o refém da indústria cultural. Esse termo foi utilizado pela primeira vez, por Horkheimer e Adorno, no ensaio, *Indústria Cultural: iluminismo como sedução das massas*, publicado em 1947, cuja expressão é apontada por Adorno (1977) como uma cultura que serve aos interesses do capitalismo, que a partir da revolução tecnológica redefine as condições de produção e reprodução da cultura.

Os meios de comunicação, em cuja programação predominam os reclames da indústria cultural, têm um apelo de entretenimento muito forte e sempre presente. Isto contribui para que a teoria se torne refém da inércia, considerando que o volume de informações disponibilizadas pelos meios de comunicação é de fácil absorção e não permite uma análise mais profunda, uma vez que é veiculado de forma a envolver sem dar tempo de refletir. Nesse processo de produção e disseminação de um novo conceito de cultura, a informação e os meios de comunicação se tornam aliados potentes na constituição dos valores do homem deste século, o que interfere diretamente em sua formação e exige reformulação constante dos conteúdos educacionais.

Na abordagem a essa intrincada teia que interfere em aspectos fundamentais da educação e formação do indivíduo, o intuito é suscitar reflexões sobre o comportamento e valores que são fundamentais na sociedade contemporânea. Nesse trabalho defronta-se com uma questão que orientará as leituras e a pesquisa, a saber: *Como os conceitos adornianos podem contribuir para*

pensar a educação contemporânea como elemento de formação e emancipação para a autonomia?

O intuito não é buscar respostas conclusivas, mas provocar reflexões a partir de um tema controverso que, embora tenha sido discutido à época de Adorno – que viveu entre 1903 e 1969 e no final da década de 20 se juntou aos pensadores da Escola de Frankfurt, na Alemanha - continua pertinente na contemporaneidade.

Orientados para a educação e a formação dos sujeitos, os conceitos discutidos buscam subsidiar o conhecimento conjugado aos valores e à cultura da sociedade, assim como contribuir para a adoção de novos paradigmas que sejam profícuos tanto no aspecto intelectual como social.

Adorno e Horkheimer (1985) chamam a atenção para o deslumbramento do homem pela máquina e para a capacidade de manipulação do homem pelo homem. Seus trabalhos refletem essa contínua preocupação em ver homens esclarecidos e livres, por isso a importância de se destacar o processo educacional aliado ao aspecto social e a atenção aos valores culturais.

Nessa perspectiva, este trabalho foi desenvolvido da seguinte forma: no primeiro capítulo foi apresentada a trajetória que culminou como o movimento chamado Teoria Crítica ou a Escola de Frankfurt. O engajamento dos pensadores frankfurtianos nos movimentos políticos e revolucionários em busca não só da mudança do regime vigente, mas também da autonomia do pensamento. Com base na obra da Professora Olgária Matos, *A escola de Frankfurt – luzes e sombras do iluminismo*, foi desenvolvido um traçado histórico abordando os movimentos operários e políticos que culminaram com a mudança política e intelectual no final do século XIX, início do século XX.

A obra *Teoria Crítica da Indústria Cultural* resultado de pesquisa feita na University of California at Berkeley pelo professor Rodrigo Duarte - autor de projetos de pesquisa para as quais estabeleceu parcerias de cooperação científica com professores como Martin Jay e professores de instituições alemãs como Christoph Türcke (HGB-Leipzig) e Gerard Schweppenhäuser (Bauhaus Universität Weimar) – complementa o primeiro capítulo na abordagem dos aspectos histórico, social e cultural.

No segundo capítulo foram abordados os conceitos de educação, emancipação e barbárie na perspectiva de Adorno, com enfoque para sua obra *Educação e Emancipação*.

Para Zanolla (2002), o conceito de educação em Adorno envolve não somente a construção de conhecimentos pedagógicos e restritos à academia, mas sobretudo capacidade de discussões sobre política, cultura e sociedade como processos que viabilizam a formação humana. A possibilidade de discutir sobre as várias áreas do conhecimento objetiva um saber entendido e construído não nas igualdades, mas nas diferenças, o que o torna mais rico e solidamente alicerçado, na medida em que se busca a compreensão dessas distinções.

Maar (apud Adorno, 1995, p. 11) recomenda que a capacidade crítica seja redobrada com o fim de se repensar conceitos que, independentes da escola e da educação formal, possam auxiliar e influenciar no presente. E acrescenta que, para que a educação tenha resultado, é necessário que o trabalho do educador leve em conta o processo social, para que conjuntamente ao conhecimento técnico, forme também o processo cultural que conscientiza e humaniza. A partir desse trabalho pode-se viabilizar o início do projeto para a emancipação do sujeito e em consequência da sociedade.

Por emancipação entende-se a capacidade de tomar decisões conscientes partindo do princípio de que cada cidadão deverá ser preparado, por uma educação apropriada, e se tornar responsável por determinar suas próprias opções. Tendo por princípio este conceito, educação e emancipação se tornam premissas básicas para discutir a desbarbarização que deve ser constantemente debatida nos diversos movimentos sociais, assim como na distribuição de renda e no princípio da formação humana.

Os fundamentos do terceiro capítulo estão ancorados no trabalho da Professora Rita Amélia Vilela, *Críticas e possibilidades da educação e da escola na contemporaneidade: lições de Theodor Adorno para o currículo*. Nesse trabalho, Vilela (2007) sugere que se reflita acerca do papel da escola tendo como base a epistemologia de Adorno, a obra *Educação e Emancipação* e as mudanças vigentes na sociedade contemporânea. Nessa discussão, segundo a autora, é imprescindível uma nova configuração nos currículos escolares, que contemple o papel da escola na emancipação do indivíduo, tendo em vista “uma Educação dirigida a fomentar o desenvolvimento deliberado da capacidade de superar o conformismo e a indiferença, da capacidade de experimentar, de arriscar, de perder o medo de agir por conta própria...” (VILELA, 2007, p.238)

Por ser esta pesquisa de cunho essencialmente teórico, a metodologia se configura em leitura e análise de textos nos quais se buscou evidenciar os elementos pesquisados: a educação emancipatória e a autonomia face às contribuições da Teoria Crítica para pensar a educação. Percebe-se a emancipação como processo de formação de um indivíduo consciente e responsável por seus atos e conseqüentemente pelo desenvolvimento social além de fazer uma reflexão sobre a barbárie que predomina através dos tempos e impede a emancipação e a autonomia do sujeito.

A função teórica é se posicionar a favor da liberdade do pensamento e contra a dominação, que favorece a alienação e a ignorância. A finalidade da pesquisa e da ciência é promover o rompimento com a inércia, que faz com que se adie a busca por uma revolução individual, que conseqüentemente influenciará no modelo social que trará benefício para o indivíduo e a coletividade.

A Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos, trabalho feito em parceria com Horkheimer, assim como os demais trabalhos de Adorno são obras que marcaram mudanças no comportamento humano e mostram uma visão de mundo do homem contemporâneo. Um comportamento que embora difícil de ser evitado, precisa ser discutido e avaliado constantemente para que não se repitam barbáries relatadas na história da humanidade.

Estamos em uma época de constantes transformações tecnológicas, sociais e políticas, o que interfere ostensivamente na cultura e na educação. Os resultados são notados na projeção da exploração econômica com a intenção de auferir lucros e estimular a adesão ao sistema capitalista. Diante desses fatos, a Teoria Crítica da Sociedade continua atual em sua premissa básica, que além da crítica à organização, quer seja política ou social, que exclui a importância do homem como sujeito modificador do meio e de sua própria história, deve atentar para a importância do esclarecimento humano através da educação.

Além disso, a Teoria Crítica prioriza a evidência dos valores humanísticos. Desta forma, é clara a preocupação de Adorno no sentido de que a sociedade invista na educação emancipatória que tem como princípio levar o homem à reflexão sobre o meio social e político do qual faz parte. Em contrapartida, espera-se que, junto às inevitáveis mudanças, quer sejam tecnológicas ou sociais, evidencie-se também um novo direcionamento e posicionamento do homem frente à importância das relações humanas e a busca da justiça e equidade social.

Ponderando sobre esses aspectos, é de suma relevância considerar os conceitos adornianos sobre educação e emancipação e autonomia inseridos no contexto deste estudo. Uma educação que, ao ser elaborada com conteúdo formativo de acordo com o ambiente social, atenda aos anseios de liberdade individuais e sociais; liberdade essa que deve nascer da segurança de saber-se capaz de mudar e construir a própria história diuturnamente. Apesar de ser parte de uma sociedade onde existe imposição de normas e modelos, onde os desejos e necessidades são manipulados, o indivíduo tem condições, ainda que remotas, de se superar. Por isso, se espera que esse indivíduo possa se libertar das amarras do sistema vigente, cuja preocupação é unicamente manter a dominação econômica.

TEORIA CRÍTICA, SOCIEDADE E CULTURA

A consciência de uma época se reconhece na metáfora da luz. (...) O conhecimento da natureza se emancipa do mito, e o conhecimento da sociedade deve, também, fundar-se na razão.
Olgária Matos

Para fazer uma discussão sobre educação na perspectiva de Adorno, necessário se faz apresentar inicialmente a abordagem por ele utilizada. Em função disso, serão tratados nesse primeiro capítulo aspectos que envolvem a Teoria Crítica, a Sociedade e a Cultura. Para tanto, é oportuno relembrar a trajetória que culminou com esse movimento, para melhor entendê-lo no contexto político, social e cultural.

A teoria crítica define-se como uma teoria da sociedade da qual faz uma constante análise crítica com a proposta de instigar o pensamento reflexivo que resulte em um homem autônomo e consciente do seu papel na contribuição para uma sociedade igualitária. É nessa sociedade que o homem desenvolve a sua identidade e é através dela que constrói a sua cultura. Nesta perspectiva, a teoria crítica é também uma Escola de pensamento cujos componentes e estudiosos se propõem a investigar os nexos constitutivos da sociedade com a proposta de buscar a transformação da realidade social existente e possibilitar a emancipação do homem submetido a uma relação de dominação e exploração cultural e de produção.

Matos (1993) relata os movimentos operários e os conflitos experienciados pela Alemanha até a criação da Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt. Nesse relato constam duas insurreições operárias no início do século XX, uma que culminou com a proclamação da república em 1918 e a outra em 1923, um levante dos operários de Bremen, sufocado pelo Partido Socialista Alemão, que era o governo à época. Como em diversos países e diferentes

culturas os conflitos e revoltas do operariado se deviam à insatisfação com o regime de governo no qual, até então, predominava a burocracia e o militarismo.

De acordo com Matos (1993), durante cinco anos a sociedade alemã presenciou o enfrentamento da classe operária – cujos membros encontraram sua expressão mais eloquente no espartaquismo - ao poder estabelecido. Mais conhecido como Luxemburguismo, o movimento espartaquista – liderado por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, líderes da Liga Espartaquista, - apoiava os movimentos operários ocorridos na Alemanha entre 1898 e 1919. Nesse período, porém a Liga Espartaquista foi abalada com a morte desses dois líderes. (Cf. Matos, 1993, p.16)

Matos (1993) considera que o movimento operário se sentiu fortalecido o bastante para criar conselhos operários nas fábricas e destacamentos armados, realizando, inclusive, várias greves gerais. Só depois de outubro de 1923 é que se pode assistir ao início da estabilização, quando as forças contrarrevolucionárias exerceram sua influência sobre o movimento operário. Este cenário histórico e cultural foi um marco que antecedeu a criação da Escola de Frankfurt que teve como primeiro diretor o economista austríaco Carl Grunberg.

Matos (1993) assinala a participação no círculo frankfurtiano de expressões como: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel. Segundo a autora estes pensadores não tinham as mesmas origens filosóficas, porém estavam igualmente preocupados em empreender uma crítica radical ao sistema vigente.

Duarte (2007) acrescenta que a Teoria Crítica da Sociedade representava uma alternativa para um pensamento marxista que não fosse alinhado diretamente nem à social democracia alemã do início da década de 20, nem aos ditames do Partido Comunista Alemão subordinado ideologicamente ao Partido Comunista Soviético.

Um fato importante descrito pelo autor trata-se da “Primeira semana marxista de trabalho” ocorrida em 1922 cujo patrocinador foi Felix Weil, recém-doutorado em Ciência Política e membro do Partido Comunista Alemão, cujo pai era um milionário judeu. Weil estava disposto a fazer uma reflexão diferente sobre os rumos do marxismo renovado e colocou recursos financeiros à disposição da realização da semana de estudos da qual participaram intelectuais como Georg Lukács, Karl Korsch, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel que se tornaram depois expoentes do pensamento marxista ocidental.

Além do sucesso do evento, Duarte (2007) acrescenta que se pensou na realização da Segunda semana marxista de trabalho, cuja ideia foi ampliada para a criação de uma instituição permanente de pesquisa. Esse projeto contaria com recursos financeiros provenientes dos negócios do pai de Weil e o respaldo acadêmico da Universidade de Frankfurt. Nesse espaço seriam discutidas questões e soluções já colocadas pelo marxismo no século XIX e outras que necessitassem ser discutidas. A ideia era desenvolver o pensamento reflexivo em detrimento dos ditames do marxismo ortodoxo.

Matos (1993) complementa que antes da existência da Escola de Frankfurt, organizou-se um grupo de estudos com o nome Instituto para o Marxismo, e mais tarde decidiu-se por Instituto para a Pesquisa Social, uma vez que o instituto estaria ligado à história do movimento trabalhista e do socialismo.

Duarte (2007) tem uma interpretação diferente para a escolha do nome do instituto:

O estabelecimento se chamaria Instituto para o Marxismo (*Institut für Marxismus*), mas esse nome foi considerado excessivamente ideológico pelo Ministério da Educação Social-Democrata, gestor da universidade, e acabou por prevalecer o de Instituto para a Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) por ser neutro, portanto, mais adequado à difícil correlação de forças políticas de então (DUARTE, 2007, p.15).

Embora o nome da instituição tenha mudado, permaneceu o pensamento de se desenvolver uma discussão voltada para o que Marx havia iniciado, porém de forma mais liberal e inovadora. Esse projeto de estudos era o protótipo do que deveria ser a Teoria Crítica da Sociedade. Depois de alguns trabalhos desenvolvidos com pouca distinção do marxismo ortodoxo que já era característico nos trabalhos realizados, a obra de Leo Löwenthal, *Sociologia da novela alemã* começou a delinear as características do que se esperava que fosse constituir posteriormente a Teoria Crítica. (Cf. Duarte, 2007, p.15)

No início da década de 30, conforme relato de Duarte (2007), Marx Horkheimer foi nomeado diretor do instituto, o que possibilitou a criação de um ambiente para livre reflexão na academia sobre questões marxistas, questões associadas ao Movimento dos Trabalhadores, ao Movimento Socialista e similares. A partir de então se começou a pensar em assuntos antes

relegados ao segundo plano pelo marxismo ortodoxo. Assuntos como a arte, a cultura e as questões estéticas em geral passaram a assumir grande relevância.

No final da década de 20 se junta ao grupo dos chamados frankfurtianos o pensador Theodor Adorno, que talvez tenha sido o mais influente dos pensadores frankfurtianos, conforme Duarte (2007). Doutor em filosofia e músico, Adorno trouxe uma grande bagagem cultural para a Escola de Frankfurt e se uniu aos pensadores na reflexão sobre temas como a arte e a cultura estética no cenário contemporâneo, tendo sempre implícita a reflexão crítica da sociedade contemporânea.

Com a vitória de Hitler em 1933, a situação política dificultou o funcionamento do Instituto para a Pesquisa Social na Alemanha e este precisou ser transferido para os Estados Unidos. Anteriormente, percebendo que poderia suceder um revés político, Horkheimer já havia conseguido abrigar parte do acervo do instituto na Suíça. Mais tarde, depois de um acordo com a Universidade de Columbia, a nova sede do Instituto para a Pesquisa Social estabeleceu-se nos Estados Unidos. (Cf. Duarte, 2007, p.17)

1.1 - Reflexão sobre a Dialética do Esclarecimento e a sociedade

Embora Adorno tenha tentado continuar na Europa, viu-se obrigado a emigrar para os Estados Unidos onde em parceria com Horkheimer começou a escrever a obra *Dialética do Esclarecimento*, cuja primeira versão foi divulgada em 1944. Consta nesse livro o capítulo sobre indústria cultural, cujo conteúdo é considerado uma das principais referências críticas a respeito do assunto. Nesses escritos, Adorno e Horkheimer discutem fundamentalmente a dominação realizada culturalmente. Por isso a preocupação com o conteúdo do pensamento e a forma de pensar do sujeito, além da extensão ao mundo racionalizado e administrado. (Cf. Duarte, 2007, p. 19).

Os próprios autores reconhecem a densidade da obra quando em seu prefácio fazem a seguinte exposição:

Quanto mais nos aprofundávamos em nossa tarefa, mais claramente percebíamos a desproporção entre ela e nossas forças. O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de

barbárie. Subestimamos as dificuldades da exposição porque ainda tínhamos uma excessiva confiança na consciência do momento presente. Embora tivéssemos observado há muitos anos que, na atividade científica moderna, o preço das grandes invenções é a ruína progressiva da cultura teórica, acreditávamos de qualquer modo que podíamos nos dedicar a ela na medida em que fosse possível limitar nosso desempenho à crítica ou ao desenvolvimento de temáticas especializadas. Nosso desempenho devia restringir-se, pelo menos tematicamente, às disciplinas tradicionais: à sociologia, à psicologia e à teoria do conhecimento (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.12).

Ao longo da leitura da *Dialética do Esclarecimento* percebe-se que os autores foram além das disciplinas tradicionais. A publicidade, a comunicação e a linguagem também mereceram atenção especial. A mitologia auxiliou na composição de conceitos que estão atrelados ao comportamento da classe trabalhadora que se deixa dominar pelos detentores do poder.

Os comentários feitos no ensaio “Ulisses ou mito e esclarecimento” mostra um trabalhador subjugado e impotente, que faz o seu trabalho sem discutir. Esse comportamento faz parte da adaptação ao progresso que se mostra muito semelhante à regressão, pois nele o sujeito do processo passa a ser também objeto da reificação. “A alienação daqueles que devem tocar o barco adiante, dos que não podem ouvir porque não devem parar de remar, é absolutamente estratégica para a manutenção do *status quo*.” (DUARTE, 2007, p.49)

O fato de não poder ouvir mostra, também, a incapacidade de reação do trabalhador diante dos acontecimentos. Ao se submeter à dominação o proletariado perde a sensibilidade com o que possa acontecer à sua volta. Além disso, comenta Duarte (2007), o remar sem qualquer outra reação, com os ouvidos tamponados e Ulisses amarrado ao mastro ouvindo o canto das sereias sem poder reagir, é uma figura que “para Adorno e Horkheimer dá a exata medida da beleza possível numa sociedade de classes, em que a imensa maioria trabalha para alguns poucos poderem fruir.” (DUARTE, 2007, p.48)

Essa realidade criticada por Adorno e Horkheimer (1985) continua presente apesar do tempo e das alterações sociais, culturais, políticas e tecnológicas. São fatos com os quais o homem convive. Toda mudança encadeia diversas transformações, as quais influenciam diretamente no convívio social e na vida individual. Como o homem muda constantemente, mudam, em consequência, os sistemas, quer econômico, político ou social, em consequência se faz necessário adequar os sistemas educacionais a fim de que a educação possa acompanhar as exigências decorrentes dessas modificações.

A influência nas relações tradicionais da sociedade dá início à racionalização e à formalização dos laços pessoais. Essa racionalização vem acompanhada do desencantamento do mundo, a partir do momento em que o indivíduo corta o relacionamento com a natureza e os aspectos místicos e míticos, sagrados e proféticos que dela fazem parte. Esse contexto representa o início da alienação do homem no mundo; um mundo no qual o indivíduo se depara com o mecanicismo e a repetitividade, conseqüentemente ocorrem situações nas quais predomina o desencanto e alheamento.

Nessas circunstâncias, o homem se depara sucessivamente com o vazio e a solidão, resultado das cisões e buscas empreendidas, o que contribui para o surgimento de novos modelos sociais e diferentes comportamentos individuais, elementos que se inserem de forma incisiva na educação contemporânea.

A Teoria Crítica, além de discutir os sistemas políticos, se propõe a refletir sobre os novos paradigmas que apontam para um homem independente que através da educação, consiga se libertar da condição de simples executor da tarefa que lhe é atribuída e se descubra capaz de criar, transformar e estabelecer uma convivência e relação de confiança com o seu semelhante.

Matos (1993) afirma que a Escola de Frankfurt concebe a Teoria Crítica como uma 'escola de desencantamento', isso porque a proposta de reflexão que o movimento estabelece é que o homem saia da condição de dependência, quer da natureza ou de outro ser humano, para a condição de ser pensante que cria, transforma, racionaliza. (Cf. Matos, 1993, p.18).

Esse é o princípio do esclarecimento. Ao se descobrir como ser capaz de pensar e transformar, o homem percebe que se rompe o encanto e também o medo que havia antes na relação com deuses e demônios. Adorno e Horkheimer (1985b) explicam que a preocupação humana nesse contexto se vincula à descoberta de que o domínio da matéria é responsabilidade sua, sem auxílio de forças externas ou ocultas.

Os deuses não podem livrar os homens do medo, pois são as vozes petrificadas do medo que eles trazem como nome. Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido. É isso que determina o trajeto da desmitologização e do esclarecimento, que identifica o inanimado ao animado (ADORNO & HORKHEIMER, 1985b, p.26).

Mesmo quando parece sair do desconhecido, abandonando o mito e caminhando para o esclarecimento, o homem muda apenas o foco. O encanto com o sobrenatural e as forças

mitológicas dá lugar à ideologia da indústria cultural que com sua influência mostra-se cada vez mais presente em todos os segmentos, quer sejam econômicos ou culturais. Devido a isso, é importante entendê-la como agente influenciador na educação, responsável pelas mudanças veiculadas pelos meios de comunicação de massa que banalizam a informação e fortalecem a indiferença dos sujeitos em relação aos fatos, que passam a ser discutidos de forma superficial, sem qualquer intenção de reflexão ou compromisso.

Na análise sobre a obra *Dialética do Esclarecimento*, Duarte (2007) propõe uma reflexão sobre os ensaios nela publicados por Adorno e Horkheimer como o “O conceito de esclarecimento” que aborda “a chamada ‘divisão do trabalho espiritual’ entendida como mais um sintoma da reificação à qual se encontra submetida toda a civilização contemporânea”. (Duarte, 2007, p.45)

Chama a atenção, sobretudo o ensaio “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” que retrata a cultura capitalista na qual predominam personagens criados pela indústria cultural, projetados conforme modelos de comportamento nos quais figuram diferentes estilos de vida e hábitos de consumo.

A primeira parte do ensaio trata da mercantilização da cultura que passa a se constituir numa nova relação social e cultural a partir do momento em que o homem se distancia da religião, enfrenta a era do desenvolvimento técnico e se vê irremediavelmente sob o domínio do capital. Nesse cenário, a arte se configura como um negócio rentável a que se submetem milhões de pessoas. Embora sejam produtos de baixa qualidade, estão minimamente calculados para suprir as necessidades de quem os adquire. A disputa pela concorrência se restringe a uma simples ilusão do consumidor.

Os meios de comunicação de massa não passam despercebidos à ação da indústria cultural. A televisão sintetiza o rádio e o cinema com um poder maior de encantamento e penetração nos lares, uma vez que leva o som e a imagem em tamanho compatível e em horários e dias propícios a reunir um público cativo sempre em maior número, não esquecendo a programação que embevece os sentidos. Um todo harmonizado de forma a conquistar religiosamente o público.

A harmonização da palavra, da imagem e da música logra um êxito ainda mais

perfeito que no *Tristão*, porque os elementos sensíveis – que registram sem protestos, todos eles, a superfície da realidade social – são em princípio produzidos pelo mesmo processo técnico e exprimem sua unidade como seu verdadeiro conteúdo. Esse processo de elaboração integra todos os elementos da produção, desde a concepção do romance (que já tinha um olho voltado para o cinema) até o último efeito sonoro. Ele é o triunfo do capital investido (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.102).

Desnecessário se torna comentar sobre o efeito que tem a televisão sobre os espectadores. Basta observar os índices de audiência nos horários de novelas e programas de auditório. A programação é inteiramente formatada conforme o enredo solicitado pelo grande público. Histórias com final feliz e programas que não exigem esforço de análise representam apenas momentos em que as pessoas se dedicam a ouvir sem tempo para pensar ou discutir. Esses detalhes são bem administrados pela indústria do entretenimento e do consumo. O efeito se estende às esferas da educação que se vê privada de cabeças pensantes para elaborar os processos formativos conforme os ditames do desenvolvimento pessoal e da criatividade, ao mesmo tempo em que, os que a recebem também não estão dispostos a reivindicar a mudança. É a cultura do mais fácil não importa a que preço.

O esquematismo da produção corrobora para que se faça arte estritamente para fins comerciais, canções de fácil memorização, romances com o *happy end*, apesar das inúmeras intrigas no decorrer da história, piadas fáceis de serem reproduzidas ou casos humorísticos que podem facilmente ser repetidos. Nada foge ao cálculo milimétrico dos especialistas. Adorno e Horkheimer (1985a) lembram que tanto a obra quanto a Ideia que era por ela difundida foram arrasadas pela técnica. A arte, que outrora cultivava o espírito contribuindo para alicerçar uma educação de qualidade, dá lugar à reificação e ao trabalho da tecnologia num ritmo impressionante.

Homens e sentimentos se misturam num todo uniforme e a arte deixa de ser a expressão desse sentimento para se transformar em simples objeto de consumo. A indústria cultural ao se apropriar da arte, transmuta-a em mercadoria e adapta-a aos mecanismos do mundo moderno, assim não persiste a conexão entre o que é realmente arte e o que se entende por arte. O compasso da música e o final do filme são previsíveis e não há exigência quanto à elaboração, aliás, quanto mais simples, melhor satisfaz ao público que com esse estilo se identifica. A voz do patrocinador ressoa mais forte que a dos especialistas. É preciso prender a atenção do público,

não dar margem para raciocínio.

Eis porque o estilo da indústria cultural, que não tem mais de se por à prova em nenhum material refratário, é ao mesmo tempo a negação do estilo. A reconciliação do universal e do particular, da regra e da pretensão específica do objeto, que é a única coisa que pode dar substância ao estilo, é vazia, porque não chega mais a haver uma tensão entre os polos: os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.108).

A apropriação da cultura pela indústria cultural faz com que a concepção de um homem autônomo, que busca sua independência na educação e no conhecimento passe a representar a imagem de um homem administrado que se subordina à cultura de massas e à produção como se ambas fizessem parte do mesmo ritual num entrelaçamento que não permite distinguir o que é real do que é imaginário.

Na regulação do mercado da indústria cultural desenvolve-se certa cumplicidade entre os que dele fazem parte e o cumprimento da exigência de ser flexível às normas nele implícitas, para aqueles que querem nele se introduzir. As mudanças não são bem aceitas, nem quem se atreve a romper com a norma de disseminar sempre a mesma coisa. Para se abrir espaço para diferentes possibilidades é preciso antes provar que se tem maior poder de domínio sobre as massas. Se assim acontece, o dominador, além da maior fatia de mercado, ganha também o respeito dos concorrentes. Adorno e Horkheimer afirmam que esse é um estilo liberalista originado em países como os Estados Unidos, nos quais a indústria cultural chegou mais cedo. A Alemanha teve sua arte preservada das relações de domínio do mercado uma vez que o tecnicismo ali chegou um pouco mais tarde. Os autores observam que:

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.111)

O entretenimento em si não é condenável; o que se discute é a sua transformação em artigo de consumo, pela indústria cultural. A partir do momento em que se presta somente ao consumo e não à reflexão, o entretenimento deixa de contribuir para o desenvolvimento do homem e passa a ser uma mercadoria com valor apenas para a sociedade regida pelo capital, que a ele dedica o tempo excedente e supostamente livre. Supostamente livre porque inclusive esse tempo a indústria cultural consegue manipular. Um exemplo são as horas dedicadas à TV e aos jogos de uma forma geral, momentos de total inércia nos quais se absorve qualquer tipo de conteúdo, sem contestar ou refletir.

Adorno e Horkheimer (1985a) percebem, com a mudança dos tempos, um consumidor com necessidades diferentes das quais a indústria cultural tira proveito para inserir no mercado bens de consumo, isso a deixa cada vez mais fortalecida. Mesmo com tantas mudanças, o conformismo é estimulado para que não haja sequer reação à novidade que expresse cultura. “O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo em que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.111)

Os autores chamam a atenção para a posição tomada pela indústria cultural em relação às necessidades dos consumidores. Ao tomar conhecimento de sua força, começa não só a suprir necessidades, mas fazer com que surjam outras antes ignoradas pelos consumidores, direcionar seus desejos, alimentar a crença de que é possível ficar rico da noite para o dia, conseguir o emprego dos sonhos, mesmo que a probabilidade seja uma em um milhão. O indivíduo contemplado representa o que os demais gostariam de ter ou ser, e estando momentaneamente no topo se sente a majestade:

O próprio acaso é planejado; não no sentido de atingir tal ou qual indivíduo determinado, mas no sentido, justamente, de fazer crer que ele impere. Ele serve como alibi dos planejadores e dá a aparência de que o tecido de transações e medidas em que se transformou a vida deixaria espaço para relações espontâneas e diretas entre os homens. Essa liberdade é simbolizada nos diferentes meios da indústria cultural pela seleção arbitrária de casos representando a média (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.121).

O poder e a anuência das pessoas se fazem sentir transitoriamente. Embora se saiba que seleções podem ser fabricadas, o sonho de ser é compartilhado por milhares de pessoas. Toda a discussão sobre possibilidades de emancipação se esvai nessa encenação que é algo incompatível com as perspectivas educacionais que se discutem. As consequências se farão sentir depois, quando a indústria cultural descartar o sujeito que se torna obsoleto para as suas pretensões. Mas sempre há alguém disposto a substituir, é possível que sempre haja um novo objeto a ser manuseado em outra circunstância.

Na relação de produção e de satisfação com o sistema, outro fator importante é a adaptação do homem ao trabalho e a escolha da profissão cujo valor parece ser mais evidente.

Quem não quiser se arruinar deve tomar cuidado para que, pesado segundo a escala desse aparelho, não seja julgado leve demais. De outro modo, dará para trás na vida e acabará por ir a pique. O fato de que em toda carreira, mas sobretudo nas profissões liberais, os conhecimentos especializados estão, via de regra, ligados a uma mentalidade de conformismo às normas enseja facilmente a ilusão de que os conhecimentos especializados são os únicos que contam. Na verdade, faz parte do planejamento irracional dessa sociedade reproduzir sofrivelmente tão-somente as vidas de seus fiéis. A escala do padrão de vida corresponde com bastante exatidão à ligação interna das classes e dos indivíduos do sistema (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.124).

O homem contemporâneo, na maioria das vezes, não se preocupa com a educação como domínio do conhecimento, mas apenas como informação. E às vezes as informações são recebidas e absorvidas como um amontoado desconexo e sem análise. A preocupação é apenas se adequar ao que o sistema exige. E a recomendação é que o indivíduo seja bem informado. Isso fica bem explícito no que tange às possibilidades de reconhecimento profissional e às possibilidades de ser bem sucedido, além de garantir boas relações sociais.

A adaptação e o conformismo se manifestam diante das imposições do sistema em detrimento do direcionamento para a busca do conhecimento e o desenvolvimento de saberes que difundam a educação e o desenvolvimento do ser humano. O modelo de sociedade onde uns decidem e os outros concordam sem refletir, favorece não só o cenário de injustiças sociais, mas a evidência de que existe a separação de classes e que o distanciamento entre elas a cada dia que passa se torna maior. Essa é uma realidade que está presente no trabalho, na sociedade de uma

maneira geral e para a qual devem convergir as reflexões sobre uma educação que pensa um homem autônomo e consciente.

Privilegiando a investigação sobre elementos que fomentem a autonomia e a consciência, Adorno e Horkheimer (1985a) discutem a pseudo-individualidade, ou seja, a falsa privacidade que dilui o poder de decisão no que diz respeito a sua própria vida. Cada indivíduo é reduzido àquilo que o identifica; um exemplo que ilustra bem esse fato é uma forma própria de pentear os cabelos, o uso de cavanhaque ou uma voz mais vigorosa que não passa despercebida, enquanto o indivíduo em si não é tão importante: “É só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.128)

Esse comportamento representa formas contrárias às que desenvolvem o homem autônomo. A autonomia estimula o pensar e discutir e não o aceitar a regra geral, que é aderir sem questionar. A indústria cultural ganha em mais esse quesito a adesão das pessoas que não precisam se dar ao trabalho da individuação. A sociedade pode ser vista e analisada como um todo uniforme. Uma educação pensada como avanço social enfocaria a importância do homem para o homem despertando-o para valores nos quais se ressalta o reconhecimento do ser humano capaz de transformar o meio em que vive para o benefício da coletividade

Outra observação importante dos autores, e esse é um detalhe que enfatiza o nível de educação de um povo, faz referência à propaganda como determinante na forma de redação, decidindo inclusive se deve haver redação, pois de acordo com o que se deseja anunciar, o realce da imagem se torna o detalhe recomendado. O que transparece é a fusão da cultura com a publicidade que é determinante para a sobrevivência daquela. A linguagem utilizada decide o caráter publicitário da cultura. Não importa se essa linguagem é destituída de significado, a preocupação é ser aceita e passar a fazer parte do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que as palavras expressam o sentido do que se quer transmitir, se transformam numa fórmula mágica que,

afeta tanto a linguagem quanto o objeto (...). Assim, as próprias designações se tornam impenetráveis, elas adquirem uma contundência, uma força de adesão e repulsão que as assimila a seu extremo oposto, as fórmulas de encantamento mágico. Elas voltam a operar como uma espécie de manipulações, seja para

compor o nome da diva no estúdio com base na experiência estatística, seja para lançar o anátema sobre o governo voltado para o bem-estar social recorrendo a nomes tabus como ‘burocratas’ e ‘intelectuais’, seja acobertando a infâmia com o nome da Pátria. Sobretudo o nome, ao qual a magia se prende de preferência, está passando atualmente por uma alteração química. Ele está se transformando em designações arbitrárias e manejáveis, cuja eficácia se pode agora, é verdade, calcular, mas que por isso mesmo se tornou tão despótica como em sua forma arcaica. Os prenomes, que são resíduos arcaicos, foram modernizados: ou bem mediante uma estilização que os transformou em marcas publicitárias – para os astros do cinema, os sobrenomes também são prenomes -, ou bem mediante uma padronização coletiva. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.136)

O uso das palavras nesse contexto, assim como afeta a linguagem, interfere na história e na educação do sujeito. É o que reflete seus conflitos e que permite um processo de interação mais completa entre os indivíduos. São elementos que o identificam ou podem transformá-lo em um sujeito indiferente à sua própria história. Isso também muda a configuração das relações sociais na medida em que possui força suficiente para modificar comportamentos. Assim,

A repetição cega e rapidamente difundida de palavras designadas liga a publicidade à palavra de ordem totalitária. O tipo de experiência que personalizava as palavras ligando-as às pessoas que as pronunciavam foi esvaziado, e a pronta apropriação das palavras faz com que a linguagem assuma aquela frieza que era própria dela apenas nos cartazes e na parte de anúncios dos jornais. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.137)

A adesão às palavras está na força da aplicação, fator especialmente notado no poder da propaganda. Nesse aspecto, o sentido linguístico não importa, a repetição contínua faz com que se tome posse do incompreensível, que passa a fazer parte da linguagem diária e a influenciá-la. Locutores e ouvintes se confundem intencionalmente, na mesma entonação. A assemelhação faz parte do esquema da indústria cultural ao qual as pessoas aderem na ilusão de liberdade de escolha, sem perceber que “a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.138)

A publicidade não corresponde, desta forma, ao que se espera de um veículo público cuja força deveria ser usada em prol da disseminação de conteúdos educativos, ao contrário se funda

como estímulo à aquisição desenfreada de produtos que além de não se constituir em necessidade, denota o desejo voraz de consumir. A eficácia dos veículos publicitários se manifesta através da indústria cultural cujo interesse é nutrir continuamente a compulsividade e a alienação do consumidor, impedindo o fortalecimento da autonomia e do esclarecimento do sujeito.

Atentos a essa característica do homem contemporâneo, os agentes da indústria cultural estão sempre a postos para repor produtos, modificar embalagens de forma a instigar o consumista de uma forma atrativa, a adquirir sempre mais, num ritmo alucinante. Essa realidade dilui as expectativas de formar um homem esclarecido, disposto a lutar por um mundo melhor e mais justo para si e para a coletividade. Ao contrário, o ser humano se depara constantemente com a insatisfação, ao passo que a educação se mostra insuficiente para preencher as necessidades de transformação que a sociedade e cada indivíduo requer.

A educação, que deveria se constituir parte da formação do cidadão, passa a ser a cultura da pseudoformação por meio da influência da indústria cultural. Transforma-se em pseudocultura divulgada num pseudomercado, visto que não há interesse em se distinguir como elemento cultural, mas a preocupação se restringe em se estabelecer como mercadoria banalizada por um mercado que sequer percebe o valor ou a falta de valor do que está consumindo.

1.2 - Cultura e Pseudocultura

O que se concebe atualmente como bem cultural tem o intuito de disseminar a cultura que interesse e intensifique a sociedade massificada, uniformizada. “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p.99) Depreende-se dessa afirmação que, não há estímulo para a criatividade e não se estabelece uma relação com a cultura, mas apenas produção de bens de consumo imediato que impele ao consumo.

A cultura se constitui em um conjunto de bens produzidos historicamente que possibilita a formação do indivíduo e tem o papel preponderante de esclarecer, ser instrumento de agregação através do estímulo do pensamento e da consciência. Ao instigar a reflexão e despertar o interior subjetivo se trabalha para alavancar o progresso do pensamento num sentido mais amplo. Como na sociedade contemporânea imperam os reclames da indústria cultural, e não é vantajoso aos que

detêm o poder econômico que o cidadão seja emancipado e autônomo, claramente não há interesse em formação cultural.

O totalitarismo, sistema centralizador do poder, instiga o pensamento único, a padronização que culmina com o preconceito. A partir desse processo, sobrevém a intolerância ao que é diferente, pois a diversificação exige análise e o que prevalece é o interesse em que o homem se ocupe de questões que o impeçam de se rebelar contra qualquer imposição.

Desta forma, se dificulta a aproximação do indivíduo aos bens culturais que lhe facultarão o esclarecimento e a compreensão da realidade. Esse processo se constitui em empecilho para experienciar a formação e reforça a pseudoformação, ou seja, o indivíduo se imagina um consumidor elitizado por ter economicamente a mesma condição de usufruir os bens culturais, como os demais, no entanto, não percebe a adaptação feita para que essa cultura se torne mais leve e fácil de ser fruída, mesmo não sendo algo que faça parte do seu cotidiano.

No ensaio *Teoria de la seudocultura* elaborado por Adorno e Horkheimer (1971) os autores explicam as causas e consequências da deformação cultural tornando patente a essência falsa e irracional da lógica consumista que fortalece esse sistema. As contradições da sociedade capitalista fazem com que o homem acredite ser uma peça importante da engrenagem, o que reflete na produção material e na elaboração dos elementos culturais.

As forças produtivas adquirem caráter social interferindo nas relações de produção e determinando a mudança de valores e em consequência o significado do que vem a ser elemento cultural. Uma vez que a cultura representa a síntese dos processos advindos das relações sociais e partindo do princípio que essas relações se transformaram sob a égide da indústria cultural, a cultura passa a ser em larga escala administrada para substituir os conceitos tradicionais por valores fabricados.

A indústria cultural é um fenômeno fundamental para se entender as transformações da sociedade sob a influência do sistema capitalista, como também a introdução de novos valores no universo cultural.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985a) a indústria cultural educou o homem para o desamparo. Tendo por base essa afirmação vivenciam-se duas possibilidades. Num extremo está o homem que acredita poder tudo e ter o controle da própria vida, quando na realidade está sob o domínio dos meios de produção e é sugado por eles. Esse homem só percebe o embuste quando

descartado, por não mais dar o retorno esperado ao mercado de trabalho e de consumo. Noutra extremo nota-se que há aqueles que, embora não se sintam donos da própria situação, não vislumbram formas diferentes de viver como também não entreveem saídas dessa condição de impotência. Nesse contexto, a expectativa quanto à educação é a conscientização de que existem fragilidades, mas também, possibilidades de formação para a emancipação. Essa educação deve ser embasada na resistência e na contradição que abre caminhos para a reflexão e a discussão. Ao agir dessa forma, o sujeito fortalece as opções feitas mesmo quando estas se apresentam como obstáculos que parecem intransponíveis, inclusive quando se faz referência à aquisição do verdadeiro acultramento.

Embora não seja uma solução exclusiva para o que os teóricos apresentam, o modo de se refletir sobre a cultura implica enxergá-la como uma totalidade aprendida e compartilhada, ao mesmo tempo em que se desenvolve coletivamente, passada e apreendida de uma geração para outra, como forma de pensar e sentir o aprendizado mediante uma educação ampla dirigida a todas as camadas sociais. É uma forma de buscar em conjunto medidas que possam ampliar a formação cultural ao mesmo tempo em que se conservam alguns elementos subjetivos que impeçam a estereotipação que transforma a cultura em falsa cultura.

A cultura socializada pelos meios de comunicação de massa fomenta na sociedade necessidades puramente comerciais e de consumo. Ao esquematizar formas de comportamento e aceitação das condições diversas que fazem parte da cultura da coletividade, os detentores do poder econômico e mantenedores da indústria cultural fomentam, também, a contracultura e incitam à conformação. Essa interferência não se restringe aos bens culturais, mas a toda a humanidade que absorve a ideologia do que parece ser. A apropriação subjetiva da cultura como fetiche substitui as tradições de outrora pela nova sociedade do consumo.

A proposta de Adorno e Horkheimer (1971) é que o conhecimento seja disseminado a todas as camadas sociais com o intuito de reverter a falsa formação que influencia a sociedade, com a proposta de uma formação cultural diferenciada e direcionada. Além de se referir também à crise da formação cultural, os autores assinalam que esse problema não está restrito à prática do ensino ou ao campo sociológico. Nota-se que, o “empobrecimento” da cultura se faz presente mesmo nas camadas sociais nas quais a instrução é privilegiada.

Os sintomas de colapso da formação cultural se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema educativo e dos métodos de educação criticados há várias gerações. Mesmo sendo indispensáveis, as reformas pedagógicas isoladas não trazem soluções definitivas. Poderiam até em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 1971, p.175).

A crise da formação cultural abrange, além do aspecto pedagógico e sociológico, o sistema e os métodos de educação que não acompanham a evolução dos tempos. Sem uma educação de qualidade e embevecido pelo que a vida pode lhe oferecer em termos econômicos e culturais, o homem se torna incapaz de lutar pela sua superação.

Na medida em que a cultura se socializa, mas não é aprimorada, corre-se o risco de ter uma pseudocultura socializada, isto é uma cultura que não esboça a real formação do indivíduo. Ao contrário, forma coletivamente seres alienados, indiferentes aos aspectos básicos como os valores, os mitos, que passam a ser elementos culturais apenas reproduzidos em larga escala, não desenvolvidos de acordo com o referencial de cada geração.

A formação cultural é condição essencial a uma sociedade autônoma, pois se presume que quanto mais esclarecido o indivíduo for, maior a possibilidade de conquistar sua autonomia na totalidade. Pressupondo-se que se possa formar uma humanidade igualitária em status, e gerar em consequência indivíduos livres da exploração de outros indivíduos, é preciso estar ciente de que, para que isso se realize, necessário se faz pensar a escola e a educação capacitadas para preparar o indivíduo para trabalhar em defesa da realização desse ideal.

Atingir o sucesso num empreendimento de tamanha monta não é tarefa fácil e, embora a informação seja difundida em profusão, o que gera a impressão de que há saberes propagados em abundância, ainda persiste o predomínio da formação idealizada. Isto porque a maior parte do que se aprende não tem a profundidade necessária para preencher as necessidades de uma educação que seja capaz de incorporar conhecimentos e saberes requeridos para formar com êxito o cidadão da sociedade contemporânea.

O significado de cultura que se tenta difundir atualmente é a cultura do pensamento, mas

mesmo essa concepção às vezes não é capaz de mudar a realidade humana que está em constante transformação. A crença de que o lidar com bens culturais torna as pessoas mais sensíveis às vezes se dilui em constatações como a citada. “Max Frisch observou que as mesmas pessoas que participavam algumas vezes com paixão e compreensão nos chamados bens culturais, também podiam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1971, p.176)

Isso apenas comprova a capacidade de dissociação da vida subjetiva com a cultura coletiva e contribui para que a formação que não considera tais aspectos se transforme em pseudoformação.

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação – cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e fomenta uma formação regressiva. (ADORNO e HORKHEIMER, 1971, p. 177).

Na pseudoformação se acham implícitos conteúdos com caráter de mercadoria que se mantém a custa da relação desta com o sujeito, enquanto a indústria cultural, usando os meios de comunicação de massa, alimenta esses novos valores. Assim como a formação, a cultura também sofre interferência. A pseudocultura interfere nos sentimentos humanos investindo a humanidade do egocentrismo que ignora o semelhante. A preocupação se restringe ao consumismo ignorando a sensibilidade humana, os valores culturais e históricos.

O ‘homem de espírito’, expressão hoje tão desacreditada, é um caráter social em extinção. O pretense realismo que o sucede, no entanto, não está mais próximo das coisas, mas simplesmente disposto, às custas de quaisquer *toil and trouble*, a ocupar uma existência espiritual e a apoderar-se do que esta lhe traga. Assim desaparecem os jovens ou compositores que sonham em ser grandes poetas ou compositores. (...) cento e cinquenta anos depois, um jovem que assim pensasse seria objeto de chacotas ou seria entregue, sob a alegação de autismo, a um benévolo tratamento psiquiátrico (ADORNO E HORKHEIMER, 1971, p.186).

O sistema impõe a mudança de posturas disseminadas culturalmente, enquanto a educação se vê às voltas com outros tipos de valores. Não há espaço para a arte pura e simples. A educação

cede seu lugar para a pseudoformação como ideologia que faz com que o sujeito deixe de lado costumes que antes sensibilizavam e emocionavam para satisfazer suas ambições materiais em detrimento da cultura do pensamento. Assim, “a única possibilidade que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a pseudoformação, em que necessariamente se converteu”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1971, p.199).

A preocupação de Adorno (1971) com a formação cultural ressoa ainda hoje nos termos usados para definir a educação ao alcance das classes menos privilegiadas. Ele pondera que o fato de usar expressões como “educação popular” não muda o clima de pseudoformação, nem diferencia o valor dos conteúdos com caráter de mercadoria daqueles que se referem à formação cultural, apenas significa que o conceito de formação adquiriu um falso sentido.

É a cultura e a educação adquirida na vivência em sociedade, que determina o comportamento do indivíduo, embora a cada um seja restrita uma individualidade que lhe permita pensar, discordar e alterar aspectos comuns ou normas preestabelecidas. A organização social das atividades humanas é dada na constituição da formação humana e da produção do pensamento.

Tanto a indústria cultural quanto a pseudoformação intervêm na produção transformando os bens culturais em bens de consumo e alimentando a sua circulação. Todo esse processo de industrialização da arte e da cultura coloca a educação num espaço em que se torna difícil para o educador desvendar os caminhos para a educação emancipatória e a disseminação da arte e da cultura como forma de esclarecimento e autonomia. São interesses que desafiam continuamente os educadores de nossos dias.

Nos ensaios analisados são constantes as denúncias de situações de prevalência da dominação, embora vivamos em uma época de acelerado desenvolvimento tecnológico. Todavia, apesar de insatisfeitas com o sistema, as pessoas têm dificuldade para reagir, ter uma atitude de mudança. Por isso, avalia-se ser importante a proposta de educar para a emancipação, além de ter a capacidade de se liberar para pensar e ter autonomia para agir contra a barbarização do ser humano. Desta forma, pode-se almejar a realização do sonho de liberdade e justiça.

Com vistas a analisar possibilidades de construção da independência humana e promover a reflexão visando ao aprimoramento intelectual e ao despertar da consciência política e social, o segundo capítulo está galgado nos conceitos de educação e emancipação contra a barbárie, assim como a construção da autonomia.

II

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

Pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados de motivação própria.[...] Adorno

Dentro da perspectiva adotada nesse trabalho, pode-se afirmar que a educação precisa ter como proposta a formação do pensamento crítico-reflexivo, na medida em que são inseridos conteúdos que incitam o indivíduo a pensar e a criar. O ensino deve visar à formação de cidadãos com consciência política para efetuar as mudanças demandadas pela sociedade. Entre essas mudanças, a participação efetiva deve ser valorizada, sem distinção de gênero, nas decisões concernentes à sociedade. Somente com a efetiva participação da comunidade, famílias e instituições como igrejas, sindicatos e demais, será possível entrever possibilidades de mudanças na educação e em especial na educação para a autonomia. Seguramente, isso é tarefa que demanda tempo e comprometimento. De outra forma não se desenvolve a consciência do poder transformador e o consenso de que esse é um processo contínuo dentro de uma sociedade.

Além disso, se faz necessário solidificar a não conformação ao pronto e finalizado. A mudança é uma constante e isso requer novas posturas, o que inclui preocupar-se com a transformação aliada à qualidade. Ter a posse da informação não significa poder conectar um amontoado de dados ao cotidiano, por isso a necessidade do pensamento crítico-reflexivo, a fim de produzir um conhecimento pertinente, preocupar-se com que tipo de informação está sendo disseminado.

Para Adorno (1995c) não existe modelo de educação ideal ou autêntico, isso seria contrário ao pensamento concernente à autonomia e à emancipação:

É bastante conhecida a minha concordância com a crítica ao conceito de modelo ideal (*Leitbild*). Esta expressão se encaixa com bastante precisão na esfera do

jargão da autenticidade (*Jargon der Eigentlichkeit*) que procurei atacar em seus fundamentos. Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da *heteronomia*, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros. As condições – provenientes do mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não-pensamento – em geral também correspondem a este modo de pensar. Encontram-se em contradição com a idéia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade (ADORNO, 1995c, p.141).

A qualidade da educação incide em ampliar os conhecimentos e, além de transmiti-los, instigar a consciência de forma a despertar para a ação. Adorno alerta, inclusive, para o perigo de se incorrer em imposições que monopolizam as decisões sobre que tipo de educação cabe a cada sujeito. No entanto, a educação concebida por Adorno (1995c) como cultivo do conhecimento verdadeiro e que deve ser a base para a emancipação também está sujeita a adaptação considerando que:

de um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação. A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (ADORNO, 1995c, p.143).

A necessidade do indivíduo em se orientar no mundo, exige a adaptação, mas a não conformação. Conformação é estagnação, por isso é necessário o contínuo movimento para a transformação, harmonizando resistência e adaptação.

Em função das mudanças que ocorrem e a conseqüente variação da importância da educação que historicamente acontece, de certa forma os homens não escapam ao conformismo e a adaptação sucede automaticamente. Nesse momento de conformismo é imprescindível a tarefa da educação, a formação de pessoas aptas a testar novas experiências, discutir, opinar, e se

necessário, se opor.

Desta forma, espera-se que o ensino contribua para a estruturação da sociedade, com vistas a fortalecê-la para se desvencilhar das amarras da alienação, assim como alertar os cidadãos que se acham arraigados perante o que é dissimuladamente imposto. Além disso, a educação deve incitar à capacidade de pensar e agir com consciência e responsabilidade.

Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (ADORNO, 1995c, p.151).

Esse é o rumo para o qual deve caminhar a educação e as reformas educacionais que incorporam a realidade; ou seja, mudanças que realmente visem ao sujeito emancipado, capaz de construir uma sociedade igualitária, tanto no sentido econômico quanto no relativo ao interesse dos indivíduos em geral.

É primordial que investimentos em educação ocorram tanto no âmbito econômico como no social visando à disseminação da consciência e à orientação no sentido de evitar que ações brutais como as que se presencia atualmente na mídia se tornem corriqueiras. Mendigos queimados nas ruas, bebês jogados em cestos de lixo, pais assassinados por seus filhos, são exemplos sórdidos que chamam a atenção para o comportamento humano na atualidade.

A compreensão do contexto no qual ocorreu a barbárie de Auschwitz, campo de concentração nazista¹, é indispensável para a reflexão sobre educação. Esse massacre, em cujos detalhes fica evidente a exibição do poder e da virulência que o homem é capaz de nutrir contra sua própria raça, demonstra também a dimensão da indiferença da humanidade mediante o sofrimento do semelhante. No que diz respeito à desvalorização e à impotência do ser humano mediante os acontecimentos diários em nosso meio, Auschwitz está sempre presente.

¹ Desde sua ascensão ao poder, em 1933, o regime nazista construiu uma série de centros de detenção destinados ao encarceramento e à eliminação dos chamados 'inimigos do estado'. Auschwitz era o maior complexo dos campos de concentração do regime nazista. Nele havia três campos principais de onde os prisioneiros eram distribuídos para fazer trabalho forçado: Auschwitz I (que também serviu como campo de extermínio), Auschwitz II (ou Birkenau) e Auschwitz III (também chamado de Monowitz). Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005145> Acesso em: 05.09.2009.

Segundo Adorno (1995f), a grande tarefa da educação é evitar a repetição da barbárie nazifascista. Esse é um grande desafio a ser enfrentado por educadores e a coletividade em geral, se considerarmos a situação do capitalismo no pós-guerra, mencionada na reflexão sobre a *Dialética do esclarecimento*.

As condições de consumismo a que o indivíduo se acha submetido, o egoísmo e indiferença que fazem parte do cotidiano do homem contemporâneo têm todos os elementos para fazer com que barbáries como as de Auschwitz aconteçam e se reproduzam com a mesma crueldade evidenciada nos campos de concentração nazistas.

Fala-se de iminente recaída na barbárie. Mas ela não é iminente, uma vez que Auschwitz foi a recaída; a barbárie subsistirá enquanto perdurarem, no essencial, as condições que produziram aquela recaída. Esse é que é todo o horror. A pressão social perdura, não obstante a invisibilidade do perigo hoje. Ela impele as pessoas ao inenarrável que, em escala histórico-universal, culminou em Auschwitz (ADORNO, 1995f, p.104).

O homem continua tão suscetível à barbárie como se encontrava quando do massacre que dizimou milhões de inocentes. Isso não deve ser apenas mencionado como se fosse um episódio irrelevante diante do que se presume ser uma humanidade esclarecida e perante o progresso experimentado na atualidade. É preciso ser discutido, pois o perigo de que a barbárie ocorra persiste em nossos dias.

Adorno (1995f) argumenta que “se a barbárie está no próprio princípio da civilização, então a luta contra esta tem algo desesperador”. (ADORNO, 1995f, p.105) Isto porque o homem está num contínuo movimento em direção à civilização e à regressão. O avanço da civilização significa muitas vezes o retrocesso, a perda das convicções de uma humanidade civilizada, exposta aos riscos da violência diária.

O autor ressalta o conceito de barbárie no mundo atual como o descompasso entre o avanço da tecnologia e a civilização:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um

modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 1995d, p.155).

A conclusão a qual se chega é de que a humanidade retrocede não só em termos de formação, mas também em impulsos primitivos. Dessa forma, torna-se necessária a reformulação da educação, de maneira a cultivar os sentimentos humanos para que o indivíduo tenha condições de contribuir para o progresso intelectual, tanto na esfera individual como na coletiva.

O episódio de Auschwitz citado por Adorno (1995f) incita à reflexão para os fatos que ocorrem na atualidade. Judeus, poloneses, ciganos, prisioneiros de guerra soviéticos e civis de outras nacionalidades foram exterminados em Auschwitz², se não houver conscientização e esclarecimento de que o ocorrido foi uma barbaridade, a qualquer momento haverá uma ação igual direcionada a outro grupo qualquer, por razões inexplicáveis.

Segundo Adorno (1995f), a possibilidade de se alterar as circunstâncias sociais e políticas que originam tais acontecimentos é muito restrita. A alternativa sugerida é tentar entender o que faz com que uma pessoa seja capaz de praticar tais atrocidades, a fim de que se tente evitá-las. O intuito é também provocar a auto-reflexão com a finalidade de estimular o pensamento sobre circunstâncias nas quais pessoas agem contra outras pessoas com o único fim de aplacar a fúria inconsciente que existe dentro de si.

Devemos identificar os mecanismos que tornam as pessoas capazes de tais crimes, mostrá-los a elas mesmas e tratar de impedir que voltem a ser assim, ao mesmo tempo em que se desperta uma consciência geral a respeito de tais mecanismos. Não são os assassinados os culpados, nem mesmo no sentido sofisticado e caricatural, segundo o qual alguns ainda gostariam de imaginá-lo. Os únicos culpados são os que, fora de si, descarregaram sobre eles seu ódio e sua fúria agressiva. Essa inconsciência é o que se precisa combater; é necessário dissuadir as pessoas de saírem golpeando sem refletir sobre si mesmas (ADORNO, 1995f, p.106).

² Estima-se que foram mortos nos campos de extermínio de Auschwitz, pelo menos 960 000 judeus, cerca de 74 000 poloneses, 21 000 ciganos, 15 000 prisioneiros de guerra soviéticos, e entre 10 000 e 15 000 civis de outras nacionalidades (soviéticos, tchecos, iugoslavos, franceses, alemães e austríacos. (Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005145>) Acesso em: 05.09.2009.

As considerações de Adorno são plausíveis, mas apesar do progresso civilizatório não se sabe até que ponto o homem tem consciência do que é bárbaro e da sua capacidade de reprimir o instinto de barbárie que é patente no ser humano. Forças poderosas como a bomba atômica fazem parte dos planos de governo de vários países. Morte e guerra tornaram-se assunto habitual nos meios de comunicação e não mais assusta ouvir falar de matanças ocorridas em diversos pontos do globo. A arte citada por Adorno como um valor cultural que sensibilizava quando vivenciada nos poemas, certamente não tem a mesma importância para o homem de hoje, por isso é mais difícil fazer referência a assuntos que estão ligados aos sentimentos das pessoas.

Zuin (2001) afirma que é preciso descobrir as causas que levam à barbárie e sugere que se busque o entendimento não só objetivo, mas principalmente subjetivo de atos bárbaros praticados pelo homem em nossa atual sociedade, contra o seu semelhante. O autor afirma que tais atos bárbaros fazem com que o conceito ideológico de justiça e democracia não seja transformado em ação real. Daí a dúvida que se instala, também, no que diz respeito ao processo de formação cultural e em relação à educação emancipatória. A capacidade de se refletir criticamente sobre si próprio e sobre a sociedade da qual faz parte sofre uma grande influência da indústria cultural. Sob o domínio dos meios de comunicação de massa que veiculam produtos culturais que interferem diretamente no comportamento das pessoas se torna mais difícil criar a cultura da contestação e da reflexão.

A preocupação de Adorno (1995f) no que se refere a evitar que a barbárie se perpetue envolve dois aspectos básicos: a educação, especialmente na primeira infância e o esclarecimento de forma ampla, que abarque tanto o campo intelectual, quanto cultural e social. O autor tem a convicção de que o desenvolvimento desses pontos básicos culminaria numa maior consciência do ocorrido, na tentativa de evitar a sua repetição.

Nesse aspecto, a educação deveria ocorrer em âmbito mais abrangente. Junto com o aprendizado das primeiras letras, o ensino deveria envolver disciplinas cujo conteúdo focasse o relacionamento e despertasse o sentimento de compaixão e valorização do outro. Conhecer o homem, promover o conhecimento de si próprio, educar para a autocrítica e para a reflexão são ações necessárias à sensibilização do ser humano para consigo e para com o próximo.

Num mundo competitivo tal qual se vivencia hoje, para se obter resultados efetivos na

busca da educação autônoma a educação teria que se voltar para a base familiar até chegar a um ponto em que esse comportamento fluísse naturalmente das famílias para a criança e num aspecto mais geral, para toda a sociedade. Isso demanda tempo e envolvimento de vários profissionais e de todas as instituições sociais possíveis.

Adorno (1995f) defende a tese de uma educação emancipatória, capaz de suprir as necessidades de conhecimento da criança, e autônoma o bastante para conduzir o indivíduo para a independência e a solidariedade, e torná-lo suficientemente fortalecido para impedir a “barbárie” que o hipnotiza e aliena. E acrescenta: “... todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância.” (ADORNO, 1995b, p.121)

A educação na primeira infância amparada por ações familiares e valores sociais, certamente contribuiria de forma decisiva para o desenvolvimento humano, pois conforme Adorno, o aprendizado nessa idade permite maior condição de apropriação. Ao acompanhar a formação da criança as chances de se colaborar na construção do seu senso crítico seriam aumentadas. Nesse processo se poderia instigar sua capacidade autônoma e individual que é em geral aviltada pelos golpes do sistema capitalista os quais anulam a capacidade de pensamento e julgamento. Quando o sujeito se deixa guiar pelo sistema se conforma em ser objeto, esquece-se de si mesmo o que o impossibilita de lutar contra a alienação sob cujo jugo o homem se submete cultivando a indiferença e o conformismo.

O homem alienado tem dificuldade de decidir o seu destino, de refletir e formular questões sobre o mundo a sua volta. Além disso, o indivíduo conformado aceita a dominação econômica e a ação do poderio dominante e consequentes barbáries impetradas contra ele próprio em nome do progresso e do desenvolvimento social. Enquanto a alienação se mantiver, a barbárie subsistirá. Por conseguinte, é por meio do esclarecimento e da ação consciente que se construirá a liberdade e a justiça humanas.

2.1 - Educação e princípios básicos

A união de indivíduos no intuito de buscar a sobrevivência é fator notório no decorrer da

história. Na atualidade, porém, aconteceu um movimento reverso. Os valores que regem a sociedade contemporânea fizeram com que surgissem homens sem vínculo dominados por um coletivismo cego que os impele a atos impensados.

Adorno (1995f) cita o conceito de vínculo como uma possível retomada da credibilidade, usada com o intuito de reavivar a consciência das pessoas para o que é construtivo na vida do cidadão. Na medida em que há o desrespeito a esses princípios surge o descompromisso, o desrespeito a princípios básicos como a autoridade. A preocupação do filósofo se restringe ao fato de que o vínculo pode se tornar sinônimo de submissão; nesse caso, torna-se inválida a premissa básica do vínculo que é o respeito e a autonomia entendida como o despertar, a liberdade de pensamento. Por isso Adorno (1995f) alerta:

As pessoas que aceitam o vínculo mais ou menos voluntariamente passam a encontrar-se em uma espécie de permanente necessidade de receber ordens. A única força verdadeira contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, se me for permitido empregar a expressão kantiana; a força para a reflexão, para a autodeterminação, para o não deixar-se levar (ADORNO, 1995f, p.110).

O confronto com o que inspira repulsa, no caso um episódio como do de Auschwitz, reclama um posicionamento que às vezes não estamos dispostos a assumir. É mais cômodo ser submisso ao poder do mais forte sem discutir.

A educação como garantia de emancipação individual mudaria esse quadro de submissão. Na medida em que o indivíduo se sentisse apoiado em suas expressões de medos e inseguranças, teria mais resistência e não se deixaria dominar por situações adversas em cujo arcabouço predomina o poder. A consciência de que todos somos responsáveis pelas monstruosidades que acontecem em nosso meio, e de que as conseqüências podem se voltar contra nós, requer consolidação de ações conscientes com o fim de mudar a cultura individualista que interfere no coletivo. A falta de senso crítico faz com que o cidadão se sujeite às normas do sistema capitalista pensando ter ele o poder de decisão.

Adorno (1995f) faz menção à falta de consciência do poder coletivo quando se reporta ao fato de que praticamente nenhum nazista demonstrou remorsos pelo que fez e/ou pelos métodos utilizados no genocídio de Auschwitz. É o que o autor denomina de consciência coisificada, do

caráter manipulador.

Se tivesse que reduzir a uma fórmula este tipo de caráter manipulador – talvez não devesse, mas ajuda na compreensão – denominá-lo-ia de *tipo da consciência coisificada*. Em primeiro lugar, pessoas deste tipo se identificaram a si mesmas, em certa medida, com as coisas. Logo, quando lhes é possível, identificam também os demais com as coisas. O termo acabar com [*fertigmachen*] tão popular no mundo dos jovens arruaceiros (‘rowdies’) como no dos nazistas expressa essa idéia com muita exatidão. A expressão acabar com descreve as pessoas como coisas acabadas no duplo sentido. A tortura é, na visão de Max Horkheimer, a adaptação dirigida e, em certa medida, acelerada das pessoas à coletividade. Algo disso subjaz no espírito da época, mesmo tendo tão pouco a ver com espírito. (ADORNO, 1995f, pp.115-116)

Adorno evoca a consciência das contradições do próprio esclarecimento e alerta: enquanto perdurarem pessoas submissas ao sistema - que é o modelo que persiste atualmente - haverá a possibilidade de horrores como os de Auschwitz, onde os executores “cegos” agem em nome dos mandatários, ignorando a sua dignidade, se submetendo à servidão e até se satisfazendo com ela. Quando há passividade, há cerceamento da liberdade e repressão da autonomia.

Adorno e Horkheimer (1985b) falam de esclarecimento como um processo histórico por meio do qual o homem passou da condição de crédulo no poder mítico da natureza para um processo mais reflexivo. Na medida em que o indivíduo se revela capaz de dominar a natureza, descobre ser também capaz de se aprofundar mais criticamente em seus conceitos, tornando-se assim, um homem civilizado.

Embora a civilização seja contraditória, porque às vezes o conhecimento se manifesta como retrocesso, na medida em que o meio deixa de ser um mistério, o homem pode adquirir a consciência de julgar com mais critério e não se deixar iludir por possibilidades de soluções fáceis e sempre possíveis. Além disso, é preciso estar ciente de que no processo de conhecimento não existe o termo definitivo; há sim, a reconstrução sucessiva do ser humano, reorganização intelectual que pressupõe a desconstrução, a destruição dos mitos e o domínio da natureza.

A intelectualidade do sujeito se constitui a partir das necessidades e atitudes efetivas para a realização da mudança. A partir daí, a alternativa se configura em romper com a natureza e desenvolver a técnica, mesmo sabendo que o preço do progresso/civilização é a castração, o que significa sempre abrir mão da situação de comodismo e enfrentar o desconhecido. Nesse

procedimento está implícito o alcance do conceito de esclarecimento. Esse conceito abarca o processo de civilização e ao mesmo tempo de desmitologização, ou seja, o princípio do domínio da natureza, em cujas dimensões se envolvem: discussões contínuas, busca do entendimento, capacidade de correlacionar e então poder se apropriar paulatinamente dos resultados obtidos após exaustivas reflexões e sucessivos estudos. O papel da educação é preponderante nesse curso contínuo.

Esse movimento ininterrupto do homem ao longo da história é patente e inexorável. Ao se tornar um ser mais crítico e reflexivo, desnudam-se os mitos e “substitui-se a imaginação pelo saber”. Disso se depreende o conceito de esclarecimento a partir das reflexões de Adorno e Horkheimer. “O pensamento crítico, que não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985b, p.9)

Essa afirmação de Adorno e Horkheimer gera um alento na medida em que se percebe na perda da imaginação o “desencantamento” que tira o homem da alienação e o incita a buscar a realização de suas aspirações. A alienação impede que o homem assuma o controle de sua própria vida, enfrente as dificuldades que surgem a fim de obter o sucesso, quer na educação, no âmbito social ou econômico. Zanolla (2002) esclarece que, diante da alienação o ato de educar se torna mais difícil.

A educação é um processo que se constitui em termos culturais, sociais e humanos. Encontra-se, aqui, uma contradição entre formação e educação, ou seja, sua efetivação está limitada não apenas pelos conceitos determinados, mas pela própria ação desprovida da reflexão e autocrítica. Isso implica reconhecer que, por mais que a representação acerca da educação seja motivada por uma ideia positiva de suas conquistas, a realidade a desmente no sentido de denunciar a atual circunstância de sua inviabilidade tal qual aparece de maneira positiva. A prática educacional, nesse aspecto, torna-se dificultada pela ilusão que carrega sobre sua própria eficácia diante da alienação. Assim, a teoria crítica constitui um conhecimento radicalmente contestador, na medida em que não concebe a conciliação entre educação e cultura, teoria e prática, mas propõe relacionar especificamente essas instâncias de acordo com suas reais possibilidades de intervenção e superação (ZANOLLA, 2002, p.108).

É importante lembrar que a educação envolve aspectos culturais, sociais e humanos. A

contradição que incide nos fatores como a formação e a educação é notadamente a ação desconectada da reflexão e da autocrítica. A proposta da Teoria Crítica é analisar as reais possibilidades de aliar a educação à cultura, a teoria à prática de modo que cada uma dessas categorias possa dar suporte ao homem na contínua busca de superação.

Nesse aspecto, Zanolla (2002) acrescenta:

A construção do conhecimento envolve elementos que perpassam tanto o âmbito da abstração quanto o da materialização. Isso envolve a necessidade humana de superar alguns limites tanto da ação quanto do saber subjetivo. Isso não implica, em hipótese alguma, uma espécie de desconstrução do saber que objetiva uma ruptura histórica com os fundamentos que o norteiam, mas, pelo contrário, no reconhecimento do saber como um elemento chave no entendimento das próprias contradições. Dessa forma, a concepção de educação à luz da teoria crítica demonstra sua contradição na possibilidade de mediação pela formação e deformação cultural (ZANOLLA, 2002, p.109).

A contraposição e o relacionamento de idéias estão implícitos no conhecimento. O que possibilita adquirir conceitos, aceitá-los ou não dentro daquilo que a capacidade crítica avaliar como necessário para a transformação e desenvolvimento do pensamento.

O conhecimento pressupõe a adoção da verdade e a desmitificação de valores e crenças com o intuito de fortalecer a crítica como mecanismo de libertação e enfrentamento da realidade. A ideia de que existe harmonia entre teoria e prática pressupõe a aceitação do sistema sem contestação. Presume-se assim que, o que deveria resultar em ação transformadora e abranger novas formas de conhecimento transforma-se em padronização que engessa a capacidade crítica.

O que se ensina em sala de aula está de alguma forma relacionado com a experiência extra-sala. Aprende-se através de diferentes meios e em diferentes fontes do conhecimento. O resultado é visivelmente notado tanto no desenvolvimento intelectual como no aspecto humano. Sendo a cultura um sistema cumulativo, pode-se ter como consequência a formação de uma sociedade na qual se reproduz aquilo que é aprendido, por isso a visão crítica é essencial para instigar a criatividade não se detendo apenas na reprodução. Além disso, é importante atentar para o aspecto de se experienciar o diferente, o resultado individual será consequência. Com isso se poderá cogitar uma sociedade com maior poder de construção da democracia e mais possibilidades de se conquistar a liberdade do pensamento.

A expectativa de contribuir para uma sociedade na qual estejam presentes elementos que cooperem para a emancipação gera a necessidade de se ampliar os próprios conhecimentos. Esse fator aponta para a priorização da formação cultural, o que inclui a possibilidade de desenvolver outras pessoas, mas também incorre em riscos de dominação. Desta forma, é preciso atentar para a forma com que se propagará o conhecimento e a autonomia elementos indispensáveis à conquista da liberdade.

2.2 Educação e cultura

Para entender a educação em um determinado contexto é preciso antes descobrir o que mudou no comportamento do ser humano ao longo da história, o que o homem obteve nessa caminhada. Na busca desse entendimento é de suma importância perceber o que se perdeu no processo de dominação da natureza e na submissão de um homem ao jugo de outro homem.

A barbárie se caracteriza como um processo presente na constituição do ser humano. Por isso Adorno (1995c) considera um fracasso o fato de a escola não se configurar como esclarecedora do momento pelo qual pode passar a humanidade. Ele salienta que o objetivo da escola é proceder à desbarbarização da humanidade, “por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie” (ADORNO, 1995c, p.117)

Além da importância das instituições educativas deve-se pensar a educação para a emancipação para além dos muros da escola. Almeja-se um ensino que interfira nos movimentos sociais e tenha estrutura para influenciar a sociedade e desse modo preparar cidadãos com uma sólida formação social, com valores cooperativos, humanizados e emancipatórios. Essa é uma tarefa lenta, mas, possível uma vez que se criem formas de influenciar a relação do indivíduo com a sociedade e transformar os obstáculos em fatores de superação. Concebe-se dessa forma, uma educação que vise a emancipação e que busque desenvolver a consciência dos sujeitos, a fim de diluir a alienação e ampliar a visão para que se perceba a necessidade de mudança da realidade.

É nesse sentido que acredito ser a educação um fator potente de emancipação, é a abertura construída não apenas através do aprendizado formal, mas adquirido através de uma construção

constante que implica “capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência”. (ADORNO, 1995h, p.64)

Desta afirmação de Adorno depreende-se que a educação para a emancipação é um processo que deve ser cultivado ao longo da infância e que as pessoas envolvidas nesse processo devem estar preparadas para uma formação cultural onde se envolva a “capacidade de amar”, tanto de quem ensina, quanto de quem aprende, ou seja, o aprendizado não se restringe ao aprendizado técnico, mas abrange formas de expressão inclusive intelectuais.

Kant (1974) discute a concepção de educação como uma das formas de se possibilitar a autonomia. Sair da menoridade – que é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo – ser capaz de raciocinar e fazer uso da razão com consciência. Essa é a proposta do esclarecimento, ter a coragem de não só entender como fazer, mas sobretudo engendrar a ação. “Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.” (KANT, 1974, p.102)

Para Adorno autonomia e emancipação são conceitos muito próximos, sendo que autonomia significa saber determinar normas e princípios para si próprio, ou como Adorno interpreta Kant “ ter o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação”. (ADORNO, 1995b, p.125)

Para explicar o sentido de emancipação Adorno recorre a Kant quando este menciona o fato de vivermos em uma época de esclarecimento e não em uma época esclarecida. Assim pontua Adorno “Kant determinou a emancipação de um modo inteiramente consequente, não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser”. (ADORNO, 1995b, p.181)

O que Adorno questiona é se diante da pressão sofrida pelas pessoas em um mundo administrado e sob a influência da indústria cultural é ainda possível afirmarmos que vivemos em uma época de esclarecimento ou se a palavra emancipação é apenas citada sem nenhum sentido. E explica:

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em

que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até às instituições, até a discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo (ADORNO, 1995b, p.181).

A organização do mundo e a própria indústria cultural exerce um controle excessivo sobre o homem. Isso muda a configuração de um homem que busca o esclarecimento para um indivíduo que aceita o que lhe é determinado, em consequência há interferência nos hábitos e na própria história do homem.

Ao longo dos tempos alteram-se os hábitos, porém as mudanças históricas, que são naturais na vida do ser humano, não podem contribuir para a frieza, ao contrário, devem conspirar para arraigar os nexos constitutivos do ser humano. Embora mudar seja parte da história do homem, é preciso estar atento para que as transformações internas que ocorrem paralelamente às modificações externas sejam favoráveis e ocasionem o desenvolvimento intelectual e social que propiciará vida digna e justiça social.

As reflexões sobre sociedade e educação pensadas a partir da Teoria Crítica, especialmente do pensamento de Adorno, postulam a interpretação e a transformação da sociedade e do conhecimento por ela, não só adquirido como também produzido. A educação emancipatória tem nesse processo uma premissa básica.

O ensino pensado como emancipação e autonomia do indivíduo deve ser formulado a partir de discussões sobre a sua própria democratização e a interligação entre as pessoas e o processo engendrado constantemente em busca da democratização. Contudo, pontua Adorno (1995):

O que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontre esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, com seria de se pressupor – o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido (ADORNO, 1995, p. 172).

Num mundo administrado - expressão usada por Adorno para explicar a submissão à indústria cultural pelo processo de coisificação dos homens - é difícil falar apenas em alienação como incapacidade de dirigir o seu próprio destino, quando essas forças poderosas são trabalhadas de modo a influenciar o comportamento humano.

Nessa perspectiva, a relação do homem com a sociedade deve ser mediada pela educação, que tem como pressuposto trazer o esclarecimento e autonomia que facilitem o entendimento. A emancipação do homem por meio dos processos educativos exige um trabalho árduo e paciente, pois demanda tempo para se implantar e exige paciência para se ter retorno. O próprio Adorno semeia a dúvida:

Temo que as medidas que pudessem ser adotadas no campo da educação, por mais abrangentes que fossem, não impediriam que voltassem a surgir os assassinos de escritório. Mas que haja pessoas que, subordinadas como servos, executam o que lhes mandam, com o que perpetuam sua própria servidão e perdem sua própria dignidade; que haja outros Bogers e Kaduks, contra isso pode-se fazer alguma coisa pela educação e pelo esclarecimento (ADORNO, 1995f, p.123).

Se a educação for pensada individualmente ou coletivamente sempre haverá a chance de se combater a barbárie. Porém, se avaliarmos as possibilidades pela ótica do mundo administrado, a impotência diante de se conseguir viabilizar uma educação emancipatória será visível, e a educação perderá grande espaço no progresso da civilização que parece constantemente avançar e retroceder. Sempre existirá o risco de que Auschwitz ocorra, porém se as instituições competentes pensarem a educação de forma séria, com o intuito de combater as suscetibilidades individuais, as chances de se conseguir tantos algozes e sentinelas dispostos a fazer com que o massacre ocorra e atinja um número grotesco como foi em Auschwitz serão bem menores.

Adorno (1995f) adverte que é notório para a sobrevivência da humanidade que a barbárie seja superada. Além disso, todas as pessoas, sem distinção, devem ser conscientizadas do que representa a barbárie, e de que esta pode ocorrer de diferentes maneiras. É tarefa da educação explicitar os fatores que se encontram no cerne dos sistemas sociais caracterizados como

barbárie. Porém é preciso que a educação dos próprios educadores seja repensada de maneira a prepará-los para prover uma educação que se torne expressão de cidadania, e que através dos sistemas educacionais possam transmitir e preservar a cultura e os conhecimentos considerados universais.

Ao contrário de alguns autores que não acreditam que a educação possa resolver o problema da barbárie, Adorno afiança que “o simples fato de a questão da barbárie estar no centro da consciência provocaria por si uma mudança.” (ADORNO, 1995f, p.157)

O conhecimento de que a barbárie existe pode incomodar, e isso faz com que no mínimo se reflita sobre o fato, possibilitando com isso a indignação que, em geral, incita à ação. Por outro lado, Adorno não duvida que o conceito de educação retenha em seu âmago elementos de barbárie, momentos repressivos e opressivos e que a cultura reproduz essa instância. Por isso é preciso estar atento para o que se ensina e se cultiva.

Adorno pondera sobre realidades incômodas, talvez por isso se mostre inconformado quanto ao futuro da civilização, pois não vê no homem contemporâneo vontade de lutar contra as amarras da sociedade. No entanto, o comportamento criticado por Adorno não o impede de incitar à reflexão sobre o homem atual e suas possibilidades de emancipação e autonomia. A educação é ainda o campo em que o autor instiga a investir, pois a partir do ensino alicerçado em valores éticos e humanos é que se poderá vislumbrar a mudança. A escola é uma instituição propulsora da educação amparada nos valores éticos e sociais e que participa na edificação de uma sociedade igualitária e livre. A contribuição da educação e da família exerce papel relevante na construção da cidadania e na formação do indivíduo. Essas são possibilidades a serem discutidas no terceiro capítulo.

III

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A escola tem a tarefa de propiciar aos seus alunos o encontro com a ciência e a tecnologia para proporcionar, aos educadores e educandos, a construção de conhecimentos e a exercitarem ativa e reflexivamente as novas formas de interação com o meio na intencionalidade de desenvolver habilidades e competências capazes de emancipação. Alvorí Ahlert

As efetivas mudanças de valores, que geram variações de comportamentos constatadas na sociedade atual, são objeto de preocupação de estudiosos da teoria crítica quanto à definição dos rumos a seguir nas instituições educacionais. Esta preocupação está diretamente relacionada à questão da autonomia da escola e da participação coletiva na sua construção, uma vez que os assuntos ali desenvolvidos são do interesse de toda a coletividade que dela fazem parte. Sendo assim, é de grande importância que todas as ações nela tomadas tenham objetivos comuns e claros para todos.

A educação tem sido alvo de muitos estudos e pesquisas no sentido de não só descobrir seus problemas, mas, também, de contribuir para a sua solução de forma prática. As reflexões sobre a influência da Indústria Cultural na educação têm permeado as discussões entre pesquisadores que procuram entender a mudança de valores e de prática socioculturais entre os indivíduos, o que em grande parte, se deve à cultura de massas.

Não resta a menor dúvida quanto à necessidade de se viabilizar uma educação para o desenvolvimento do homem autônomo. A questão se restringe ao fato de saber quais recursos utilizar e quais aspectos são prioritários nesse trabalho, a fim de implementá-los com sucesso. Vilela (2007) explica que:

Adorno e Horkheimer em alguns de seus escritos assinalam a coerência da Teoria Crítica no desvendamento do processo histórico de produção da Educação como relação social de dominação e, ao mesmo tempo, apontam a dimensão de uma tarefa de emancipação social a ser desenvolvida pela escola. Adorno pontua essa discussão nos textos que compõem a obra organizada por Kadelbach, em 1970, que tem sido considerada como sendo os escritos do teórico sobre Educação (VILELA, 2007, p. 225)

A obra a que Vilela se refere são textos de Adorno, sobre educação, organizados por Kadelbach sob o título de *Educação e emancipação*. Dois pontos merecem comentário aqui: Primeiro, o fato dos autores reconhecerem a ambiguidade presente no processo de educação, que, ao mesmo tempo em que busca a autonomia do sujeito, representa também relações de poder. Segundo, a necessidade de se entender as relações de poder no âmbito do ensino pedagógico como condição prévia para que se consiga atuar nos currículos e práticas escolares, os quais contribuirão para estruturar propostas que visem a novos horizontes para a educação. Ou seja, é preciso ter consciência das dificuldades a serem enfrentadas para empreender às mudanças necessárias.

Parte da tarefa de emancipação e autonomia do cidadão cabe à escola, visto que é dela o trabalho de desenvolver os talentos que por ali passam. Segundo Vilela, esse é um fator do qual os educadores devem ter plena consciência. O grande desafio das escolas tem sido há algumas décadas formar os alunos com um ensino de qualidade. Além dos fatores sociais e psicológicos gerados por uma sociedade capitalista, os educandos na sociedade contemporânea enfrentam novas formas de relação com a escola, o que dificulta o aprendizado e o trabalho dos profissionais do ensino.

Se a expectativa da sociedade é de que a escola dê a contribuição que dela se espera na luta pela emancipação do indivíduo, é difícil imaginar que a resistência, na maioria das vezes, está na própria escola. Ignorando-se os aspectos contraditórios, concebe-se essa instituição como parte da engrenagem que deve funcionar a fim de desenvolver nos alunos a capacidade de reflexão e a responsabilidade na tomada de decisões. As opiniões se divergem quanto ao conteúdo formativo a ser desenvolvido com esses alunos, ou mais ainda, a divergência incide também, sobre a responsabilidade da escola nesse processo.

Ao falar sobre educação, Adorno (1995c) se refere especificamente ao contexto alemão. Entretanto, percebe-se algumas coincidências e a mesma necessidade de reestruturação no ensino brasileiro. Podemos constatar isso pela exposição de autores que tratam do assunto e que foram mencionados nesse trabalho. É preciso mudar a escola, mas há muito que se aprender e planejar para implantar as alterações com sucesso. A aproximação com a cultura é fator preponderante para que as reformas no ensino sejam implementadas e bem aceitas, e isso demanda trabalho e tempo, o sacrifício e a dor que nem todos estão dispostos a enfrentar para alcançar o objetivo da emancipação. É preciso ter tempo disponível para observar, avaliar, além de colaborar no sentido de que “aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.” (ADORNO, 1995a, p.183)

Educação para a contradição tem aqui o sentido de formar o sujeito crítico e censurar a pseudoformação. Para isso, é preciso haver disposição para apontar aquilo que não está de acordo com os propósitos de construção da autonomia. Esse não é um exercício fácil, assim como não se engendra facilmente a ideia de emancipação em um sistema onde impera a lei do compre, troque, consuma. É preciso estar pronto para o despertar contínuo da consciência. Nesse movimento é de extrema importância o envolvimento de toda a coletividade, instituições educacionais e instituições sociais como associações, sindicatos, igrejas e demais.

3.1 – Relação escola e sociedade

O homem do século XXI se encontra, ainda, em formação intelectual e tem um tipo de conscientização diferente daquilo que lhe concerne na construção da sociedade. Por isso, um dos trabalhos a ser feito no intuito de resgatar os valores sociais é reavivar capacidade de luta por um mundo que satisfaça as necessidades humanas de liberdade e desenvolvimento.

Adorno (1995c) se refere ao poder da escola e sua relação com a sociedade, e argumenta que nessa relação está a chave da transformação da humanidade. A ação e a reflexão devem representar novas perspectivas para o indivíduo e conseqüentemente para a sociedade em que vive. Nesse aspecto vislumbra-se ainda a conversão da escola em instituição de formação para a autonomia, uma vez que essa proposta pode se reverter em benefício para a própria escola e para a sociedade. Aventa-se assim, a necessidade de que as instituições de ensino se tornem um espaço de criação, cuja mediação seja feita pela ação daqueles que nela se relacionam, tendo como

missão a construção de um projeto pedagógico que retrate o trabalho coletivo em busca de uma educação mais dinâmica combinada a princípios e práticas reais. Mais do que reproduzir conhecimentos, a escola precisa colocar esse conhecimento a serviço do homem e do seu bem estar.

Mesmo não sendo pedagogo, nos escritos de Adorno se encontram subsídios para reflexões sobre a formação e o movimento de regressão do homem na sociedade, assim como o desenvolvimento da cultura e o seu esfacelamento. Esses aspectos são elementos básicos nas discussões sobre emancipação e autonomia. O desenvolvimento humano depende do despertar para o processo contínuo que envolve regressão e formação e quais as estratégias a serem implementadas para vencer as barreiras impostas pela suposta civilização.

O potencial da epistemologia de Adorno se faz presente nas discussões que consideram a relação escola e sociedade no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que visualiza uma educação capaz de formar o homem pelo domínio do conhecimento e o compromisso de construir uma sociedade na qual se perceba indivíduos voltados para a preocupação com o coletivo, por meio da luta pela justiça e solidariedade.

Vilela (2007) chama a atenção para o embate que isso representa dentro das escolas, uma vez que a complexidade produzida pelos acontecimentos ao redor do globo são fatores desafiantes no mundo e restrito também às escolas.

O grande desafio hoje, para as escolas e os educadores, está em ter que superar as dificuldades impostas ao sistema escolar, que além de enfrentar as dificuldades produzidas na nova ordem mundial, é, também, um novo palco de lutas e de contradições decorrentes da democracia de acesso. (...) Para a escola, isso implica ter que reconhecer o caráter multicultural das sociedades contemporâneas e, portanto, aceitar que é sua responsabilidade saber enfrentar as contradições e as demandas provocadas por essa nova configuração (VILELA, 2007, p.225).

Nessa nova configuração, a dificuldade está em, além de saber-se responsável pela situação criada pela demanda, ser capaz de enfrentar os desafios decorrentes desse novo homem que acessa a escola, com valores que exigem equilibrada autoridade para incutir respeito, mas não gerar a submissão e em consequência o aniquilamento da autonomia.

O aluno de hoje traz do ambiente externo valores e preconceitos que o distinguem, além

de desafiar a ordem pré-estabelecida num ambiente em que a autoridade e o poder sempre estiveram a cargo da escola. Para a escola o desafio que se impõe está em, além de formar esse novo cidadão, se adaptar ao contexto no qual a ordem e os novos valores estão em constante discussão, uma vez que o processo histórico de produção de educação aponta para uma relação de dominação e, ao mesmo tempo, determina a necessidade de marcar presença na tarefa da emancipação social.

Os avanços tecnológicos e sociais não estão de acordo com a condição de vida da maioria da população. O retrato de miséria que se verifica em vários pontos do globo evidencia também o desafio que a escola se vê obrigada a enfrentar mesmo não tendo subsídios para responder às demandas que surgem em virtude de todas essas variáveis.

As barreiras que dificultam o acesso à escola, além da pluralidade de grupos sociais e culturais ora presentes nesse espaço é mais um ponto nevrálgico a ser vencido, buscando respostas de como deve ser a atitude do educador frente aos obstáculos que surgem tanto na escola quanto na sociedade atuais. Esta reflexão abrange o compromisso político e as proporções técnicas, humanas, históricas e culturais que darão aporte na vida e na formação do cidadão. Este processo também deve contribuir para repensar a prática pedagógica a ser construída, com o intuito de ancorar novas formas de convivência humana, baseadas na solidariedade, cooperação e união.

Adorno busca entender a formação do homem perante a influência da sociedade, a qual resulta em formulações básicas para complemento de uma nova estrutura educacional que aponta para a emancipação e autonomia. Na opinião de Vilela (2007):

Adorno denuncia concepções, hoje largamente divulgadas, como a defesa de um outro conhecimento que considere a cultura de todos os grupos sociais e que seja orientado para uma vida decente no planeta. As questões colocadas por Adorno quanto ao sistema escolar dos anos 1950/1960 revelam o pioneirismo do seu pensamento ao abordar as relações de poder presentes na escola, na sua organização e nas suas práticas, questão que é central nas teorias curriculares críticas (VILELA, 2007, p. 226).

De forma ainda mais ampla, é importante discutir a urgência de se resgatar alguns valores referentes aos bens que estão à disposição do homem e que são patrimônio de toda a humanidade.

A ameaça nuclear e ecológica são assuntos pouco discutidos na educação, e discute-se menos ainda qual o grau de responsabilidade de todos nós quando se trata de debater e decidir questões relativas a esses assuntos. A consciência e a responsabilidade contribuiriam sobremaneira para se empreender uma ação nesse sentido. Além disso, uma discussão sobre a responsabilidade do homem acerca de conhecimentos e preservação dos bens naturais traz à tona temas que, além de serem de interesse de toda a comunidade, contribuem para desenvolver o senso crítico e a consciência e despertar para a vida. Todos esses quesitos, se considerados no currículo escolar são pertinentes a uma nova forma de encarar os fatos e a responsabilidade social e humana.

Existe uma correlação entre os problemas que permeiam a vida do ser humano e isso exige prontidão para, além de pensar no envolvimento em dificuldades comuns e universais ter empenho em resolvê-las. Assuntos assim deveriam ser discutidos com rigor para despertar a consciência e o sentimento de urgência da ação efetiva. É do homem capaz de debater e encontrar soluções para as dificuldades inerentes à sociedade que a educação emancipatória trata.

Nessa nova ordem, se faz necessária, também, a mudança de postura do aluno, que de maneira geral tem um comportamento passivo, aceitando receber tudo pronto e formatado. Um cidadão que participa ativamente da elaboração do quadro de disciplinas destinadas à sua formação, torna-se mais propenso a se responsabilizar pelas suas escolhas ao invés de esperar pelos resultados de decisões previamente estabelecidas.

Além disso, num meio em que se acredita na possibilidade de emancipação, pressupõe-se a crença no sujeito independente de raça, credo ou classe social. Não se estabelece a autonomia sem acreditar que o homem seja capaz de sair da minoridade e da ignorância imposta pelo próprio homem quando submete o outro à condição de minoridade na escala do “talento e aprendizado”. É na escola que se estabelece a divisão de classes quando se hierarquiza a educação dirigindo-a a altamente dotados, medianamente preparados e outros totalmente desprovidos de talentos. Compete à educação a preocupação em desenvolver habilidades possíveis de ser aprendidas, sem relegar pessoas que precisam de maior atenção para se superar. De outra forma se institui uma escola onde se pode constatar a estruturação baseada na desigualdade de classes. (Cf. Adorno, 1995a, p. 170)

Presume-se assim, que a primeira barreira a ser derrubada pela instituição escolar no desenvolvimento do indivíduo rumo à emancipação seja a reestruturação, o que envolve eliminar

entre outros obstáculos a divisão de classes, ou dito de outra forma, dar oportunidade aos componentes de todas as classes de desenvolver os seus talentos. Como Adorno (1995a) esclarece:

O talento não é uma disposição natural. O talento, tal como verificamos na relação com a linguagem, na capacidade de se expressar, em todas as coisas assim, constitui-se, em uma importantíssima proporção, em função de condições sociais, de modo que o mero pressuposto da emancipação de que depende uma sociedade livre já encontra-se determinado pela ausência de liberdade social. (ADORNO, 1995a, p.171)

Suprimir esse entrave exige superação através do esclarecimento, conceito que está implícito na educação. A esta é dada a responsabilidade de desenvolver indivíduos para a emancipação tendo como princípio ao mesmo tempo em que se ocupa da totalidade, preocupar-se com a capacidade de superação de cada um. Como propõe Vilela (2007), “abarcando a totalidade da sociedade, pois é através dela que os fenômenos particulares estudados são constituídos. A análise do particular permite reconhecer, sempre, essa totalidade concreta.” (VILELA, 2007, p. 227)

Vilela (2007) acrescenta:

Portanto, a presença da dialética entre o geral e o particular, entre o profundo e o superficial, entre o concreto e o subjetivo, entre o real e outra possibilidade, define, para a Sociologia, segundo Adorno, as condições para o entendimento da realidade. Isso torna a Sociologia de Adorno um meio de reconhecimento e de apreensão do que é verdadeiro no aparente. Além disso, a operação de análise sociológica é processo com sentido: tem a finalidade de desvendar a realidade na sua essência, a gênese e o valor, como condição para devolver ao homem a possibilidade de recuperar a essência da vida humana desprezada e anulada pelas relações de dominação capitalista (VILELA, 2007, p.228)

Nessa perspectiva, Vilela (2007) faz uma análise da obra *Dialética do esclarecimento*, escrita por Adorno e Horkheimer, da qual destaca partes importantes para se construir um estudo sociológico pormenorizado. Além de apresentar uma análise do processo civilizatório, apresenta também uma interpretação histórico-social, que representa o marco na conversão de abordagem

positivista da Escola de Frankfurt para uma reflexão filosófica sobre problemas sociais.

Vilela (2007) aborda a introdução de forma a relatar a dificuldade dos autores em escrever um conteúdo cujo teor estava direcionado a uma análise do processo civilizatório e ao entendimento do processo de esclarecimento, justamente no momento em que se constata uma fase de regressão do homem em relação a esses princípios. Do conjunto sistemático predisposto à educação pouco se pode esperar na medida em que “tornar inteiramente supérfluas suas funções parece ser, apesar de todas as reformas benéficas, a ambição do sistema educacional” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.12)

Essa afirmação de Adorno e Horkheimer não anula a necessidade de se focar ainda mais os princípios educacionais. Ao contrário, espera-se que através da educação possa se empreender ações efetivas que modifiquem comportamentos e posturas diante da alienação que ora se verifica. Os conteúdos ensinados repensados em conjunto, escola e coletividade, podem ser de grande valia no processo de emancipação e autonomia do cidadão. A começar pela educação básica a conscientização de que nos princípios ensinados nessa fase, está implícita a importância de uma educação que acompanhe o processo histórico. A reflexão sobre esse momento aponta para um homem alienado de suas próprias dificuldades, o que ajuda a produzir também alienação política e social. O resultado se faz sentir na incapacidade do indivíduo em resolver seus problemas mais urgentes de relacionamento com a natureza que o sustenta e com a própria educação.

A referência ao primeiro capítulo, feita por Vilela (2007), apresenta o conceito de Kant sobre o esclarecimento, pensado como:

O processo de emancipação intelectual, resultado não apenas do processo histórico de superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria, mas, também da capacidade de superar a dominação de uma classe de opressores sobre a humanidade: dominação intelectual, política e econômica.” (Kant apud Vilela, 2007, p.230)

Outro grande desafio se apresenta nessa instância, o homem de hoje não demonstra interesse por emancipar-se intelectualmente. Ao contrário, o indivíduo, sob a influência da Indústria Cultural, encontra-se num estado de alienação e subjugação que consciente ou

inconscientemente o leva a aceitar a imposição do trabalho que não lhe dá prazer com vistas a satisfazer a sua insaciável sede de consumo.

A seleção do entretenimento, que deveria ser também uma escolha sua, está a cargo da indústria cultural que a tudo manipula inclusive o sentimento, a ponto de o homem acreditar que a sua preferência é exclusiva. A mudança de conteúdo exibido na mídia não resolve todos os problemas. É preciso que se aprenda a selecionar dos programas televisivos, aquilo que é de interesse geral e que corrobora para o desenvolvimento político e econômico. A educação como integradora do homem à sociedade tem um papel importante nesse sentido, ensinar como aproveitar, como selecionar criticamente aquilo que é espalhado como pseudocultura, já que se torna a cada dia mais difícil se impedir sua disseminação.

Na educação não mais se privilegia a reflexão, mas a mera transmissão de informações, de forma a relevar o quanto é transmitido sem a preocupação do que é de interesse para a formação e desenvolvimento do aluno. O conhecimento está desconectado da realidade, tem-se o predomínio do que o desenvolvimento pode fazer em termos de avanços tecnológicos, mas não se consegue entender porque ainda falta comida em muitos lares e guerras intermináveis ceifam vidas. Além disso, prevalecem ainda os conflitos religiosos e políticos. Adorno e Horkheimer (1985) reiteram essa visão, mostrando que instrução não é sinônimo de esclarecimento, apenas corrobora o pensamento de que: “A expulsão do pensamento da lógica ratifica na sala de aula a coisificação do homem na fábrica e no escritório”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.37)

A análise do capítulo “A indústria cultural – o esclarecimento como a mistificação das massas” leva a uma consideração atenta sobre o declínio da cultura e da educação na sociedade, consequência do processo de dominação cultural a que o indivíduo se submete, sob a égide de uma sociedade capitalista que coisifica e subjuga o indivíduo destruindo a sua capacidade de individuação e submetendo-o à padronização da arte e standardização da cultura. “O resultado é a perda da consciência individual que é substituída pela massificação. A cultura de massa e os mecanismos da Indústria Cultural acabam produzindo a regressão do esclarecimento à condição de mera ideologia.” (VILELA, 2007, p.231)

Inclui-se nessas considerações a educação, cujo conteúdo confunde criatividade com cópia, bem como não contribui para desenvolver a sua capacidade de reflexão, ao contrário se identifica com a Indústria Cultural, uma vez que se preocupa em disseminar em massa conteúdos

e informações que apenas vão acrescentar mais informações. Esquece-se da afirmação de Adorno de que “quaisquer considerações quantitativas devem possuir um objetivo qualitativo de conhecimento.” (ADORNO, 1995c, p.139)

Ao acrescentar conteúdo indiscriminadamente, a educação se torna mecanismo de reprodução e alienação e contribui em consequência para aumentar o campo da dominação. Tem mais poder quem detém o maior número de informações. O ideal de igualdade e justiça almejado pela Teoria Crítica e em especial por Adorno fica, nessa instância, mais distante. A indústria cultural sob a influência da tecnologia e reprodução da informação aumenta a alienação, tirando do sujeito o desejo de lutar pelo desenvolvimento do vínculo social e com isso se diluem valores como o respeito pelo outro.

Vilela (2007) lembra que Adorno se refere a esse estado de consciência coisificada como algo que tornou possível a existência dos campos de concentração nazista e o holocausto, porque a alienação fabrica sujeitos incapazes de se rebelar contra a realidade. Essa passividade aumenta a adesão a partir do momento em que não se distingue mais o real do aparente.

A ânsia do indivíduo pela disputa da informação que lhe possibilita um lugar de destaque na sociedade, faz com que se torne sem efeito toda a sua capacidade de consideração acerca do que é realmente importante, no movimento contínuo da engrenagem social: estar do lado do outro, contribuir para o desenvolvimento da coletividade ou simplesmente se projetar. Inconscientemente o homem alimenta, dessa forma, a frieza que é característica do ser humano e contribui para aumentar a sua solidão. O ideal de igualdade, união e felicidade, elementos que se propõem a compor uma vida social, são relegados.

Essa discussão é retomada também, quando Adorno (1971) faz referência à pseudoformação como a crença de um ensino melhor estruturado, quando na verdade aumentaram-se as vagas nas escolas, porém não houve a preocupação com a reestruturação de conteúdo visando a formação do sujeito consciente. A razão e a reflexão, nessa circunstância, perdem o sentido no processo educacional, prioriza-se o repasse de informações sem a preocupação de seleção do conteúdo formativo que visa a construção da autonomia e do enfoque crítico-reflexivo.

Vilela (2007) salienta que embora Adorno enfatize o avanço da pseudoformação e a ação da indústria cultural, em seus escritos estão também inseridas expectativas quanto à possibilidade

de superação através da educação. A autora reitera que:

Mesmo quando, na avaliação do teórico, a possibilidade de realização do Homem está completamente limitada e condicionada pelo alastramento da pseudoformação, sob o controle da Indústria Cultural, ele admite e aspira a uma transformação das relações sociais através do processo educativo. Ele aponta que a Educação deve ser uma arma de resistência contra a força dessa indústria, na medida em que permita o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva, capaz de permitir aos indivíduos desvendarem as contradições da vida social e se capacitarem para o exercício de resistência da cultura verdadeiramente humana, contra a cultura banalizada pela Indústria Cultural (VILELA, 2007, p.233)

Essa é a concepção de Adorno e os diversos estudiosos da Teoria Crítica engajados na luta por um ensino crítico que norteie os processos educativos. Um ensino em cujas teias se depreenda o empenho em suscitar relações sociais que capacitem o indivíduo para a convivência humana e o estreitamento dessas relações apesar das contradições com que se depara.

Embora não discuta o conceito de emancipação com a finalidade pedagógica, mas como cultura que representa uma visão mais ampla de educação, Adorno atribui essa responsabilidade à escola e Vilela (2007) vai além: “os escritos de Adorno não podem estar ausentes para aqueles que perseguem a recuperação da autocrítica e da reflexão na prática educativa e que defendem uma escola que possa cumprir a promessa de uma vida mais justa.” (VILELA, 2007, p.233)

O que Adorno entende por educação e por escola ultrapassa os princípios puramente pedagógicos e institucionais. Seus anseios se firmam na dimensão da Educação para a resistência, para lutar contra as amarras da dominação, uma educação que visa à autonomia. Isso reforça posturas no campo da Educação que postula práticas pedagógicas que atendam às diferentes demandas e como cita Nogueira (2008) sobre a *Formação cultural de professores*:

Há de se mencionar também, a imensa influência das estruturas sociais e políticas na formação de hábitos culturais da população. Vive-se em um país profundamente desigual, cujas injustiças sociais se arrastam há séculos e parecem cada vez mais estar longe do fim. Muito ao contrário: ao optarem pela adequação econômica e política aos mandamentos externos neoliberais, os recentes governos brasileiros só têm conseguido fazer crescer os índices de má distribuição de renda (NOGUEIRA, 2008, p. 74).

Em seu trabalho, Nogueira (2008) mostra a divisão de classes, confirmando que as diferentes estruturas institucionais e curriculares contribuem para uma formação diferenciada que destaca uma classe já privilegiada pela base familiar. As diferentes disciplinas ministradas em determinadas escolas são complementos que consolidam esse privilégio e incorporam mais elementos que serão de suma importância na formação do sujeito, enquanto nas escolas destinadas às classes populares, em sua maioria, não há investimentos em disciplinas de formação cultural ou investimento profissional que ressoe diretamente na educação do aluno. (Cf. Nogueira, 2007, p.77)

Vilela (2007) afirma que, na educação pensada para formar sujeitos autônomos, na atualidade, está subentendida a ação pedagógica.

Uma Educação para a *Mündigkeit*, ou dirigida para a autonomia, tal como pensada por Adorno, seria capaz de fazer o homem descobrir sua força de ação para a mudança, para construir o seu verdadeiro mundo de justiça social sob a égide da tolerância, da solidariedade, do respeito e da ação coletiva, orientada para o bem comum. Deliberadamente, deve fomentar a capacidade de superar o conformismo e a indiferença, a capacidade de experimentar, de arriscar, de fazer diferente dos outros, de romper com a heteronomia resultante da vida social sob as relações sociais capitalistas. Heteronomia que se revela na vida social, pautada por ações determinadas fora do sujeito, e, assim, torna as pessoas dependentes de normas que não são assumidas pela sua própria razão. (VILELA, 2007, p.237)

Entende-se assim, em primeira instância, que na valorização de um homem pelo outro está implícita a responsabilidade pelos próprios atos, a consciência do que é feito e acima de tudo a própria valorização como sujeito que atua e modifica o meio em que vive através da superação da dominação da consciência. Nessas circunstâncias a subjetividade e a individualidade de cada um é fator preponderante na constituição do sujeito e prevalece no enfrentamento das contradições da vida social, fortalecendo o indivíduo na luta contra as incoerências dela decorrentes. Para aceitar o outro como sujeito é preciso primeiro se reconhecer como sujeito, esse é o alerta de Adorno.

Outro ponto importante assinalado por Vilela (2007) quando se refere à efetiva contribuição de Adorno em assuntos relativos à educação para a autonomia, se constitui na orientação para a ação pedagógica no intuito de formar uma consciência que se oponha à adaptação e ao adestramento que são conceitos inerentes a uma sociedade alienada. Além disso,

pontua Vilela, Adorno insiste em que a realidade deveria dialogar com a aparente exterioridade do mundo para entender a sua essência, deveria “buscar outras formas de pensar e de agir, para além das formas dominantes de adesão e de adaptação, pautadas pela lógica da Indústria Cultural”. (VILELA, 2007, p.237)

Através das lições buscadas em Adorno, Vilela (2007) defende a possibilidade de construção de uma nova escola, considerando em primeiro lugar a participação ativa da escola na vida social, assim como permitir o uso geral de todos os recursos quer culturais ou materiais. O cultivo do respeito às diferentes opiniões e visões de mundo ali existentes deve ser uma constante, desenvolvendo o espírito de solidariedade e tolerância às diferenças raciais, culturais e à própria personalidade. Só assim se possibilita ao sujeito fazer e se sentir parte da sociedade.

Vilela ressalta que se Adorno estivesse presente nos debates sobre problemas educacionais da atualidade reforçaria a sua postura sobre o ensino já demonstrada em sua época e exigiria:

O repensar nossos projetos de democracia escolar e nos convidaria a implementar currículos escolares perseguindo a verdadeira equidade. Da mesma forma, ele estaria defendendo práticas pedagógicas; portanto ações curriculares com perspectivas amplas de formação humana e cultural. Não apenas as dimensões particulares, próprias de segmentos culturais presentes na escola, deveriam ser abarcadas, mas, também, dimensões relacionadas com a formação humana multifacetada, como a artística e a espiritual, que são indissociáveis (VILELA, 2007, p.245).

Estes são pontos para uma reflexão, de forma a apoiar a escola em seus problemas de mais difícil solução na atualidade. Mecanismos de dominação que se instalam e vão aos poucos se tornando corriqueiros e naturais, assim como a alienação que alimenta as injustiças sociais que, na medida em que são aceitas, vão anulando em grandes proporções as possibilidades de se mudar a escola de hoje.

3.2 – A Autoridade como complemento da educação para a autonomia

Conforme Adorno (1995c), a realidade está em constante mutação e para acompanhá-la a estrutura da escola deve ser trabalhada e fortalecida no sentido de constituir um ensino para o esclarecimento intelectual. Contraditoriamente, o que se nota é uma vulgarização do conhecimento que contribui para a ignorância. Se por um lado a estrutura do ensino é condescendente com essa condição, em outra instância, os alunos que deveriam exigir um ensino de qualidade superior, não têm consciência de sua necessidade ou estão alienados diante das dificuldades que encontram na escola. O planejamento educacional é, em primeira instância, quantitativo, isso quer dizer que, em termos de conteúdo não prioriza uma educação com vistas a autonomia.

Em pesquisa feita por Goulart (2008), chama a atenção a importância dada à autoridade que, elaborada de forma a complementar o processo de educação orienta os rumos para se formar um indivíduo autônomo. As transformações na sociedade contemporânea dão conta de um novo sujeito que exige uma nova dialética, com o fim de entendê-lo e inseri-lo no meio social.

Ao inserir nessa discussão a categoria autonomia como construção de um ser humano independente e responsável por suas ações, torna-se importante adentrar a autoridade como princípio para a orientação, tanto na figura do professor como no âmbito familiar. Esse princípio deve ser entendido como relação em construção, uma vez que levará algum tempo para ser concretizada. Para apreender a dimensão de autoridade como desenvolvimento das relações e não como autoritarismo ou excesso de liberdade que desnorreia o indivíduo, é preciso ter o princípio da sabedoria baseado no esclarecimento, conforme expressado por Adorno e Horkheimer (1985b):

A superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida. Nele muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar, sobre as quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem, e que provêm de países que seus navegantes e descobridores não podem alcançar. Hoje, apenas presumimos dominar a natureza, mas, de fato, estamos submetidos à sua necessidade; se contudo nos deixássemos guiar por ela na invenção, nós a comandaríamos na prática. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985b, p. 17)

Ainda não conseguimos o domínio da própria consciência que seguramente levaria ao entendimento entre os homens e em consequência derrubaria as barreiras da dominação que

imperava no sistema econômico e nas relações sociais.

A educação ainda não alcançou o nível de solidificação que aproxima o homem da tão propalada autonomia. Esse fato levanta a dúvida da possibilidade de um relacionamento baseado na autoridade como conhecimento que suscita o respeito na relação estabelecida entre os que pretensamente sabem mais e aqueles que ainda não alcançaram um nível de conhecimento mais elevado. Mesmo porque, ao mesmo tempo em que Adorno e Horkheimer (1985b) dizem ser necessário o conhecimento para se chegar à autonomia, alertam para o risco do uso do esclarecimento como elemento de dominação.

Por isso o pensamento não pode ficar estagnado, nem se satisfazer com o que parece estar resolvido definitivamente. O questionamento constante aniquila a possibilidade de alienação. De outra forma se estaria facilitando a dominação e impedindo a luta por reformas sociais e igualdade de direitos, assuntos que estão sempre presentes na rotina humana atualmente.

Zanolla (2002) ressalta que a educação deve ser vista como qualquer manifestação social que está sujeita a avaliação constante.

Se, por um lado, a educação tradicional merece ser criticada pelo autoritarismo, por outro, a educação atual não merece crédito por confundir liberdade com libertinagem, autoridade com autoritarismo. A tendência paternalista da educação encontra na justificativa do 'prazer' um dos principais instrumentos de manutenção (ZANOLLA, 2002, p.115).

Esta é uma crítica à incapacidade de se conceber uma educação para a cultura humana, o que permite que o ensino se restrinja a um mero repasse de conceitos sem aplicação prática. A responsabilidade não mais se estende à formação humana, mas foge à sua tarefa de capacitar para enfrentar as contradições, superar limites e romper com a alienação. Conforme Adorno, capacitar para resistir à barbárie da ignorância e da negligência sociais. Formação e educação são conceitos essenciais a um sujeito autônomo, e desenvolver esses conceitos de forma ampla é tarefa da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência.
Adorno*

Em toda proposta se faz necessário encontrar o equilíbrio e evitar os extremos. Assim acontece também na conquista da emancipação humana. Não há como impor desejos de construção do conhecimento, assim como, depois do conhecimento adquirido, é preciso que o indivíduo queira além de refletir, disseminá-lo e acima de tudo exercitar as formas aprendidas.

O objetivo deste trabalho foi discutir as contribuições de Adorno para pensar a educação autônoma e é sobre isso que Adorno versa na maioria de seus textos. Percebeu-se ao longo das leituras de suas obras o quão difícil é dissertar sobre esse autor considerado por muitos leitores como pessimista e elitista, o que torna mais difícil a sua análise sobre assuntos sempre tão atuais e que talvez por isso sejam motivo de descaso. Mais difícil ainda é falar sobre autonomia quando a cultura do consumismo consolidada pela produção em massa visa a aspectos puramente comerciais em detrimento do desenvolvimento social e humano.

O intuito de Adorno é inquietar, pois a inquietação aniquila a alienação, que é o grande mal do nosso tempo. Nada mais escandaliza, não há preocupação com as dificuldades nem com a conscientização do que pode ser evitado. Adorno incita a buscar a verdade, a desejar o que é real e que contribua para a liberdade que cada um precisa ter, para controlar a própria vida. Mas não faltam subterfúgios que distanciem o indivíduo do propósito de ser o administrador dos seus próprios desejos. A indústria cultural é um exemplo forte e que é, pode-se afirmar, parte integrante da cultura contemporânea.

A cultura atual está aliada aos ideais do capitalismo e influencia em todos os campos da

vida, mas o homem, influenciado por essa cultura, atua não como sujeito, mas como objeto reificado no processo de produção. A arte, da qual se espera o cultivo da sensibilidade humana para intervenção nas mudanças sociais, se caracteriza em puro comércio no qual o proletariado se imagina equiparado à burguesia. A popularização de bens culturais tornam-os acessíveis a quem possa pagar por eles. A ação da indústria cultural iguala a todos quando oportuniza a aquisição de bens antes restritos a uma população que tinha a consciência do valor cultural desses bens. Obras de arte, como um quadro de Picasso ou uma sinfonia de Beethoven são popularizadas pela ação da indústria cultural. Ao banalizá-las e adaptá-las para o consumo, sem a preocupação de disseminar a cultura, difunde também a falsa ideia de igualdade social.

A indústria cultural é intermediária no rentável comércio, cujo jogo é alimentar os desejos do consumidor e tornar os produtos sempre mais agradáveis e adaptados ao seu paladar. Os meios de comunicação são poderosos manipuladores do desejo das pessoas. Propagandas mostram um mundo irreal que convence de que qualquer pessoa pode adquirir o que sonhar. Artifícios que agradam aos sentidos e sentimentos do consumidor são manipulados com muita maestria e mudam a configuração de homem emancipado para homem totalmente dependente e, mais sério ainda, aquele que não percebe o quanto. A educação como parte do processo de emancipação tem nesse contexto um sério desafio a enfrentar. Impulsionar o indivíduo a sair desse “encantamento” que o mundo dos mitos proporciona e fazer com que supere a ignorância e preguiça de ser o mentor de seus próprios pensamentos.

O sistema educacional, assim como a tecnologia que faz parte do cotidiano social, passou por diversas mudanças nesse século. Com a tecnologia, o alcance se alargou em todos os campos, quer científico, cultural ou recreativo. A começar pela formação do docente, o currículo escolar e o material didático utilizado nas escolas, o que se nota é um “empobrecimento” dos meios utilizados e da forma de ensinar. Na ânsia de adequar o ensino aos avanços verificados, para que dele pudesse usufruir toda a massa, optou-se por uma simplificação que em longo prazo pode trazer consequências desastrosas. A qualidade de um conteúdo aplicado em seis meses de curso supletivo, por exemplo, deixa dúvidas quanto à eficácia desse material. Conscientização é um trabalho que exige vivência e discussão e isso é infactível num tempo tão exíguo.

O homem autônomo é resultado de uma construção que demanda o aniquilamento da ignorância em todos os sentidos. É o alicerçamento de saberes que desconhece qualquer tipo de

barreiras. Dito desta forma parece simples, mas os mitos, ou seja, a ilusão de que se domina o conhecimento, continuam presentes a obscurecer e arrefecer a vontade de mudar. Por isso é preciso ter a consciência de que o desafio a ser enfrentado para a construção do homem autônomo é instigante e contínuo.

Considerando a concepção de educação e cultura, pondera-se que desde os anos iniciais os currículos escolares devem ser voltados para uma educação cuja base seja a comunicação e a socialização do indivíduo e complementada nas próximas etapas da educação visando à formação profissional não só em assuntos específicos aos cursos escolhidos, mas com envolvimento de disciplinas relacionadas ao convívio social. Só assim caminharíamos para a conquista da emancipação humana através da ação da escola.

Adorno (1995c) reconhece o quanto a ideia de emancipação é abstrata, por isso insiste em sua inserção tanto no pensamento quanto na prática educacional. Nesse sentido percebe-se a necessidade da educação esclarecedora que propicie a autonomia e o esclarecimento e em consequência a liberdade individual e coletiva. Embora se saiba que essa é uma forma de criar o alicerce para a construção de uma sociedade livre da barbárie, sabe-se também das condições sociais em que ora se vive, o que não contribui ou não propicia a emancipação de forma tão fácil quanto se possa imaginar.

Adorno instiga obstinadamente para uma nova postura diante da disseminação do ensino e da educação. Seus preceitos, além de atuais, são consistentes e indispensáveis a uma educação ampla que vise a formação de cidadãos preocupados com o teor dos conteúdos que estão sendo difundidos. Devido a essa postura, não se pode prescindir desses ensinamentos quando o intuito é pesquisar e refletir sobre como esclarecer pontos que resvalam para as condições sociais que reproduzem a pseudoformação e a consequente alienação do sujeito.

Em nenhum momento Adorno desiste da ideia de que é através da educação que se fará a transformação do homem. As discussões por ele levantadas se desdobram nos debates de vários estudiosos da Teoria Crítica que, como Adorno, acreditam na possibilidade de um mundo melhor e mais justo intermediado pela educação.

Os tempos pós-modernos com suas incertezas políticas e sua apatia são controversos nessa polêmica. A violência se instala com facilidade e sem sobressaltos. O fetiche do capitalismo suga o sangue do trabalhador sem que ele se rebele com as condições de trabalho que

lhes são impostas e com o fato de ter sua vida administrada como se fosse mercadoria. Assim, até os seus desejos são provocados e sua ânsia de consumismo se sobrepõe à vontade de lutar por liberdade intelectual, moral e econômica. O homem prefere aceitar sem discutir, mesmo sabendo que contradizer é elemento que impulsiona as transformações e fortalece a aprendizagem.

Ter consciência plena e aceitar a situação de que vivemos em um mundo administrado, exige reação. É um despir-se da menoridade e do medo que é peculiar ao homem contemporâneo e se apossar do que Adorno sugere enquanto possibilidade de crescimento. O fato de a reflexão proposta sobre educação não permitir conclusão, possibilita o empenho pela conquista contínua do conhecimento e da liberdade.

Embora Adorno tenha escrito em torno dos anos 20 e 60 a comparação do conteúdo por ele abordado em relação ao que vivenciamos na contemporaneidade dá a exata ideia da atualidade de suas conclusões. Para se construir e tornar os sonhos realizáveis é preciso “arregaçar as mangas” e enfrentar os tropeços que sempre surgirão, buscar a contínua superação.

As contradições fazem parte do crescimento do indivíduo, no entanto é preciso que a alienação seja constantemente combatida. Por essa razão a família, a escola e a sociedade devem ter a percepção da sua importância nesse contexto. A prática da educação desempenhada na família, na escola e na sociedade, é fator crucial para se constituir a emancipação e autonomia que a sociedade preconiza. E os elementos básicos estão com certeza nessa mesma sociedade e mais precisamente nessas instituições.

O conceito de vínculo, citado por Adorno, é uma expressão contraditória. Dele se depreende a importância das pessoas, e do que elas projetam para si e conseqüentemente para aqueles com os quais estabelece essa relação de compromisso. Ao mesmo tempo, vínculos sociais ou familiares e abuso de poder são expressões muito próximas, e segundo Adorno, o risco que se corre é perpetuar a dominação sobre o outro. Mas é importante esclarecer que ao longo da história os sucessos e insucessos das relações se definem na medida em que se estabelece os vínculos de compromisso, pois são eles que aproximam as pessoas e facilitam o seu entendimento.

Quando se fala em assimilação de processos de conhecimento, implicitamente se faz referência à apreensão de experiências vividas e do aprender com outra pessoa. Na busca do esclarecimento e da emancipação acontece processo semelhante. É necessário estabelecer parâmetros, se espelhar em protótipos, mesmo que a princípio pareça imposição. Enquanto se

está na menoridade não se pode optar por sair dela sozinho. Na *Odisséia* de Homero, Ulisses precisou de seus companheiros marujos para não ceder ao “canto da sereia”. Nós precisamos uns dos outros para discutir e ser exemplo, continuar no caminho pelo qual se optou será a proposta daquele que for autônomo o suficiente para fazer as próprias escolhas.

O vínculo tem relação estreita com a autoridade sem a qual o indivíduo se sente sem respaldo na busca da emancipação. Para que a autoridade se estabeleça é preciso que haja concordância daqueles sobre os quais ela é exercida e respeito por parte daqueles que a exercem para que não se constitua em uma relação de servo e senhor, mas de educando e educador. Esse processo afiançará à sociedade condições de instrução e de uma educação para a conscientização e construção da autonomia. Configura-se assim, como um processo contínuo que forma a criança através de valores humanísticos e inclusão de conceitos que prepararão o cidadão autônomo, com condições de se autolegislar e transformar com seriedade e justiça o mundo em que vive.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. “A educação contra a barbárie”. In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Wolfgang Leo Maar. *Educação e emancipação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995d.

_____. “A filosofia e os professores” In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Wolfgang Leo Maar. *Educação e emancipação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995h.

_____. “A indústria cultural” In: *Comunicação e indústria cultural*. COHN, Gabriel (org.). 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. In: ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. In: *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985a.

_____. “Educação após Auschwitz” In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Wolfgang Leo Maar. *Educação e emancipação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

_____. “Educação após Auschwitz” In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Maria Helena Ruschel. *Palavras e Sinais – modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995f.

_____. “Educação e emancipação” In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Wolfgang Leo Maar. *Educação e emancipação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

_____. *Educação e emancipação*. Tradução, Wolfgang Leo Maar. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. “Educação ---- para quê?” In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Wolfgang Leo Maar. *Educação e emancipação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995c.

_____. “Excurso I: Ulisses ou mito e esclarecimento”. In: ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985c

_____. “Notas marginais sobre teoria e praxis”. In: *Palavras e sinais – modelos críticos 2*. Petrópolis, Vozes, 1995e.

_____. “O conceito de esclarecimento”. In: ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985b

_____. “Tabus acerca do magistério”. In: ADORNO, Theodor W.; Tradução Wolfgang Leo Maar. *Educação e emancipação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995g.

_____. “Teoria de la seudocultura”. In: ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Sociológica*, Madrid, Taurus, 1971.

AHLERT, Alvorí. “Políticas públicas e educação na construção de uma cidadania participativa, no contexto do debate sobre ciência e tecnologia”. In: EDUCERE – *Revista da educação*, p.129-148, vol.3, n.2, jul./dez., 2003

DUARTE, Rodrigo. “A formulação da teoria crítica da indústria cultural na dialética do esclarecimento”. In: DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da indústria cultural*. 1ª. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____ “Eventos preliminares da crítica à indústria cultural”. In: DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da indústria cultural*. 1ª. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GOULART, Tatiana Cláudia. *Autoridade e educação: limites e possibilidades de emancipação*. 2008 123 p. Dissertação. Mestrado em educação – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de educação, 2008.

JAY, Martin. “A imaginação dialética 25 anos depois”. In: *A atualidade da Escola de Frankfurt*.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? (“Aufklärung”)”. In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MAAR, Wolfgang Leo. “Adorno, semiformação e educação”. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol.24, n.83, p.459-476, agosto 2003.

MAAR, Wolfgang Leo. “À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa”. In: ADORNO T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MATOS, Olgária C. F. *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

NOGUEIRA, Monique Andries. *A formação cultural de professores ou a arte da fuga*. Goiânia: Editora UFG, 2008 152 p.

PAIVA, Vanilda (org.). Contemporaneidade e educação: revista semestral de Ciências sociais e educação. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC) Ano I, n. 0 – 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

TIBURI, Márcia. *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 2 – n.11 – 2004.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. *A teoria crítica da educação de Theodor Adorno e sua apropriação para análise das questões atuais sobre currículo e práticas escolares – relatório final de pesquisa*. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/pged/arquivos/publica/ratv/ritavilela_relatoriopesquisaadorno.pdf
Acesso em 12.03.2009

VILELA, Rita Amélia Teixeira. “Críticas e possibilidades da educação e da escola na contemporaneidade: lições de Theodor Adorno para o currículo”. *Educ. rev.* [online]. 2007, n.45 [cited 2009-03-31], pp.223-248. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000100012&Ing=en&nrm=iso. ISSN0102-4698.doi: 10.1590/S0102-46982007000100012.

ZANOLLA, Sílvia Rosa Silva. *Teoria crítica e epistemologia: o método como conhecimento preliminar*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

_____. “Teoria crítica e educação – considerações acerca do conceito de práxis”. In: *Revista Educativa*, Goiânia: UCG, v.5, n.1, jan/jun/2002.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. “Seduções e simulacros – considerações sobre a indústria cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação”. In: *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt / Bruno Pucci* (org.). 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2007. – (Ciências sociais da educação)

ZUIN, ANTÔNIO ÁLVARO SOARES. Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 21, n. 54, Aug. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 26 May 2009. doi: 10.1590/S0101-32622001000200002.